

SEMINÁRIO MARTIN BUCER BRASIL

CURSO LIVRE DE TEOLOGIA

DANIEL AARON GARDNER

O DESPERTAR DO MOVIMENTO LANDMARKISTA

UM ANALISE DA VIDA E TEOLOGIA DE JAMES R. GRAVES

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

AGOSTO - 2015

DANIEL AARON GARDNER

O DESPERTAR DO MOVIMENTO LANDMARKISTA

UMA ANÁLISE DA VIDA E TEOLOGIA DE JAMES R. GRAVES

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Curso Livre de Teologia do Seminário Martin Bucer Brasil, SMB.

Orientador: Prof. M.e. Tiago José dos Santos Filho,
Título Acadêmico

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

AGOSTO - 2015

GARDNER, Daniel Aaron

O DESPERTAR DO MOVIMENTO LANDMARKISTA / Daniel Aaron Gardner. – São José dos Campos : SMB, 2015.

65 f.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Curso Livre de Teologia) – Seminário Martin Bucer, São José dos Campos, 2015.

Referências Bibliográficas: f. 59-63.

1. Eclesiologia. 2. História batista. 3. James R. Graves. 4. Sucessão eclesiástica. I. Tiago José dos Santos Filho. II. SMB, Curso Livre de Teologia. III. Título.

Seminário Martin Bucer
CURSO LIVRE DE TEOLOGIA

TERMO DE APROVAÇÃO

Título de TCC N° _____

O DESPERTAR DO MOVIMENTO LANDMARKISTA

por

DANIEL AARON GARDNER

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi entregue no dia ____ de _____ de ____ como requisito parcial para a obtenção de título equivalente a BACHAREL EM TEOLOGIA no CURSO LIVRE DE TEOLOGIA à Coordenação do Seminário Martin Bucer, para ser examinado pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado

Orientador de conteúdo:

Prof. M.e. Tiago José dos Santos Filho:

Orientador de forma:

Prof. M.e. Joel Theodoro da Fonseca Junior:

Diretor Geral:

Prof. M.e. Franklin Ferreira:

Dedicatória:

Aos meu pais, Calvin (*in memoriam*) e Peggy Gardner, missionários ao Brasil desde 1975. Foi através do seu exemplo de fidelidade ao Rei dos reis, mesmo diante de dor, doença e desânimo, que foi despertado em mim a vontade de servir ao povo de Deus.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa Sabrina por me incentivar nessa jornada teológica, me acompanhar nos altos e baixos, compartilhando do mesmo amor pela coerência da verdade. Ao meu lindo filho Arthur que, na sua inocência e alegria, tem me lembrado diariamente da preciosidade da teologia, pois ela inspira os filhos de Deus a se alegrarem no seu Pai.

Ao meu orientador Tiago Santos, por seu paciente direcionamento neste trabalho. E por provar, nesses últimos 5 anos, que a boa teologia e bom humor podem ser condizentes.

Aos diretores do Seminário Martin Bucer, Franklin Ferreira, Marilene Ferreira e Tiago Santos, por amarem a boa teologia ao ponto de sonharem em servos de Deus no Brasil servindo o Reino e dedicando suas vidas para este propósito.

Ao professor James Patterson, pela sua dedicação ao escrever uma biografia definitiva sobre James Robinson Graves, vasculhando detalhes nos arquivos da história, relatando-os com graça e respeito.

Ao meu Salvador Jesus Cristo, que na sua soberania e misericórdia, tem escolhido usar “homens loucos” — landmarkistas ou não, calvinistas ou não, instruídos ou não — para anunciar o Evangelho da Ressurreição. Soli Deo glória.

Tira de mim, ó Pai, a soberba do aprendiz tolo que se contenta com seu conhecimento ao invés de se gloriar em ser conhecido por Ti.

“A história deve ser escrita de fontes originais vindas de amigos e inimigos, no espírito de verdade e amor, *sine ira et studio*, sem malícia e com caridade para com todos.”

- Philip Schaff

RESUMO

Nesta obra aborda-se a vida e contexto cultural de James Robinson Graves, responsável por arquitetar o movimento conhecido como *Landmarkismo* no século XIX. São também consideradas as premissas da eclesiologia Landmarkista, através de uma análise histórica e teológica.

Palavras-chave

Landmarkismo; Sucessão Batista; Eclesiologia; J. R. Graves.

ABSTRACT

The life and context of James Robinson Graves, architect of the Baptist Landmark movement, is considered and related, followed by a historical and theological analysis of five main Landmark emphases.

Keywords

Old Landmarks, Eschatology, Baptist successionism, J. R. Graves

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	Justificativa	16
1.2	Objetivos	16
1.3	Metodologia	17
1.4	Organização da monografia	17
2	Contextualização histórica	18
2.1	A família Graves: As primeiras duas décadas	18
2.2	A vida em Nashville	20
2.3	Envolvimento com o jornal <i>O Batista</i>	21
2.4	Seu contexto: O restauracionismo dos Campbellitas	23
2.5	As Resoluções Cotton Grove	25
2.6	O Grande Triunvirato	27
2.7	Sua exclusão da Primeira Igreja Batista de Nashville	29
3	landmarkismo: Definições e análise	33
3.1	Definições	33
3.2	Uma análise das Premissas Landmarkistas	35
3.2.1	Primeira ênfase: As igrejas batistas e o reino de Cristo são iguais.	35
3.2.2	Segunda ênfase: Igrejas Batistas são as únicas igrejas verdadeiras no mundo.	39
3.2.3	Terceira ênfase: A Igreja Verdadeira é uma instituição local e visível, somente.	44
3.2.4	Quarta ênfase: Somente uma igreja Batista pode fazer atos atribuídos à igrejas (atos <i>eclésiásticos</i>).	48
3.2.5	Quinta ênfase: Igrejas batistas sempre têm existido em todas as eras por uma sucessão histórica e contínua.	52
4	CONCLUSÕES	57
	REFERÊNCIAS	59
	APÊNDICE A – Testemunho pessoal de Bob Ross	64

1 INTRODUÇÃO

No século XIX surgiu um movimento entre as igrejas batista do sul dos EUA, que visava responder perguntas como, “Qual a origem dos Batistas?”, “Como batistas devem cooperar com pedobatistas?” e “Quais têm sido as distintivas Batistas ao longo dos séculos?” James Robinson Graves, pregador e editor de um jornal Batista, sistematizou e publicou suas respostas às essas perguntas ao longo de 30 anos. Através das suas premissas, James Graves arquitetou um movimento conhecido como Landmarkismo (ou landmarquismo). O nome do movimento, que significa no inglês “demarcar terreno”, tomou seu nome, em parte, do Proverbio 22.28: “Não removas os marcos antigos que teus pais fixaram.” Graves e seu movimento entenderam que as igrejas batistas haviam se afastados dos seus antigos fundamentos, necessitando assim a reforma proposta por Graves e suas premissas Landmarkistas.

Longe de ser uma teológica sistemática, o movimento Landmarkista tem no seu âmago uma eclesiologia exclusivista, na qual Graves afirma que as igrejas Batistas são as únicas igrejas autenticadas por Deus no mundo, descendentes de uma longa sucessão iniciada por João o Batista e continuada pelos Anabatistas através dos séculos. Graves julgava qualquer divergência eclesiástica, seja na doutrina, seja na sucessão anabatista, como apostatação dos princípios mais antigos e bíblicamente precisas.

1.1 Justificativa

A intenção deste trabalho é conhecer a história de James R. Graves, os elementos do movimento que iniciou e analisar a teologia por trás do sentimento Landmarkista.

1.2 Objetivos

Os objetivos aqui abordados foram:

1.2.1. Contextualizar histórica, cultural e religiosamente a vida de James Robinson Graves.

1.2.2. Analisar a historicidade e base teológica da eclesiologia Landmarkista e suas implicações.

1.3 Metodologia

Nesta obra foram consultados livros físicos e digitais, tais como biografias e teologias sistemáticas, além de jornais denominacionais do século XIX, teses teológicas e pesquisas em sites da internet.

1.4 Organização da monografia

Esta obra foi dividida em duas partes principais. A primeira teve por objetivo abordar o contexto histórico e cultural de James Robinson Graves e o surgimento do movimento Landmarkista. A segunda seção visa considerar as afirmações teológicas da eclesiologia Landmarkista e suas implicações.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

No estado de Tennessee, no sul dos Estados Unidos da América, há uma pequena vila rural chamada de Cotton Grove (Arvoredo de Algodão). No dia 24 de junho de 1851, vários batistas do estado de Tennessee congregaram na pequena Igreja Batista Cotton Grove, convocados por James R. Graves, então com 31 anos¹, pregador, orador e editor do jornal *The Tennessee Baptist* (O Tennessee Batista). A reunião fora convocada e divulgada através deste jornal pelo próprio Graves. Com esta reunião para eclesialística, Graves desejava “*mobilizar as tropas Batistas a se posicionarem contra os ataques*”² feitos contra as doutrinas e história batistas. Para esse fim, este foi o assunto em pauta proposta pelo Graves para aquela reunião:

A pergunta principal a ser feita é: Qual é a política definitiva que deveria ser defendida pelos Batistas para alcançarem com sucesso as exigências deste tempo presente: os ataques unidos de todas as seitas Pedobatistas e Protestantes, e assim trazer um entendimento correto dos nossos princípios [...] perante a mente pública.³

O fruto daquela reunião foi a divulgação dos princípios básicos do movimento Landmarkista, tendo como objetivo “defender e preservar o que entendia-se ser princípios históricos e distintivos dos batistas”⁴ e tendo James R. Graves como seu “autor e profeta”⁵.

2.1 A família Graves: As primeiras duas décadas

O avô de Graves foi um Huguenote, calvinista francês, que perdeu grande parte de sua família na perseguição gerada pela revogação do Edito de Nantes⁶, assinado pelo Rei Luís XIV em outubro de 1685⁷. Fugindo da França, buscou refúgio nos Estados Unidos, na região próxima à cidade de Boston. O pai de Graves, Zuinglius Calvin Graves, um comerciante bem sucedido, casou-se com Lois Schnell, neta de um conhecido doutor alemão, com quem teve três filhos, dos quais James Graves foi o mais novo. Além de seu pai, seu irmão também levou o nome de Zuinglius Calvin, algo comum na sua linhagem, além de ter um tio chamado

¹ Nascimento: 10 de abril de 1820, Falecimento: 26 de junho de 1893

² PATTERSON, 2012, p.50

³ GRAVES, 1851

⁴ TULL, 1972, p. 129.

⁵ Idem.

⁶ O Edito de Nantes, assinado pelo da França Henrique IV em abril de 1598, concedia tolerância religiosa aos protestantes calvinistas, conhecidos como huguenotes.

⁷ BURNETT, 1880.,p.184

de Lutero Graves⁸. Era costume a família dar o nome de Zuinglius Calvin para o primeiro menino.⁹ Ambos seus avós lutaram na guerra pela Independência Americana, em 1776, e causaram forte impressão no jovem James:

Comento aqui meu ódio profundo e incontrolável à monarquia, despotismo, hierarquia e opressão, fruto tal, sem dúvida, do meu sangue de Huguenote, e a impressão feita em minha mente quando ouvia falar — durante toda a minha juventude — das perseguições aos Reformadores, das lutas e sofrimentos do meu avô e os atos tirânicos do Rei George, dos contos de batalha da revolução, como os soldados revolucionários lutaram, e como o pai de minha mãe lutou em Lexington, e especialmente em Bunker's Hill.¹⁰

A família Graves sofreu uma tragédia semanas após o nascimento do pequeno James: seu pai, Zuinglius, faleceu abruptamente e um sócio desonesto extorquiu sua viúva, Lois, de uma das suas grandes empreitadas, deixando-a a criar seus três filhos na pobreza¹¹. Sem poder financiar uma escolaridade formal, Lois buscou ensinar seus filhos no lar, e todos crescerem com “*virtudes básicas, tais como independência, ética de trabalho, e determinação a perseverar perante a adversidade*”¹². Calvinista, Lois amava ler os escritos de Jonathan Edwards e frequentava a Igreja Congregacional de Chester junto de seus filhos¹³. Ela nunca se casou novamente, e nos seus últimos 20 anos de sua vida, morou na casa de seu filho mais novo.

Quando jovem, James foi um aluno focado e sincero. Em 1834, pouco antes de seus 15 anos, ele se converteu e foi batizado, unindo-se à Igreja Batista North Springfield, no sul do estado de Vermont¹⁴, aonde ele permaneceu até os 19 anos, quando se mudou junto com sua mãe e irmã para o norte do estado de Ohio, para ali aceitar um cargo em uma escola. Entretanto, após 18 meses, sofreu uma crise de saúde e mudou-se para o estado de Kentucky em busca de climas mais quentes. Mesmo sem ensino formal, foi aceito como diretor da escola Clear Creek Academy, e gastava as noites preparando as aulas diárias. Foi em 1842 que se uniu à Igreja Batista Mount Freedom e ali, de certa forma, foi separado para o ministério. James Patterson menciona uma curiosidade:

⁸ PATTERSON, 2012, p. 8.

⁹ SPEER, 1888, p. 338.

¹⁰ GRAVES, The Little Iron Wheel, 1857, p. 256

¹¹ PATTERSON, 2012, p.9

¹² Idem

¹³ Idem

¹⁴ Ibid, p 12

[A Igreja Batista] Mount Freedom licenciou o jovem professor em 1842, aparentemente sem seu conhecimento. As atas da igreja referentes a maio de 1842 citam brevemente sua membresia e licenciamento — sem qualquer explicação — como atos simultâneos. Seu genro Hailey, por outro lado, descreve Graves como sendo um homem tímido e reservado, que foi levado a proferir um sermão conta de uma suposta doença do pastor. Graves então pregou sobre o texto, "Adão, aonde estás?", tomando a oportunidade para desafiar certos hipócritas que faltavam forças para defender princípios fundamentais. O sermão impressionou a congregação de tal forma que seu licenciamento foi logo apresentado.¹⁵

James Combos comenta: “Junto com alguns outros, ele foi licenciado pela congregação a pregar, sem que soubesse, pois não estava presente naquela reunião.”¹⁶

Em sequência, Graves foi ordenado, provavelmente em outubro de 1842, e recebeu o convite para pregar uma vez por mês na igreja Mount Freedom. Mas foi por pouco tempo. Em outubro de 1843, Graves recebeu uma carta de demissão e retornou para a cidade de Kingsville, Ohio para novamente trabalhar como professor. Após dois anos, mudaria novamente, mas desta vez, não como solteiro. Em junho de 1845, Graves casou-se com Lua Ellen Spencer, de Kingsville, irmã da sua cunhada, Adelia¹⁷.

2.2 A vida em Nashville

Logo após seu casamento, Graves mudou-se para Nashville no estado de Tennessee, sendo empregado novamente como professor. A cidade de Nashville, com sua população de 8000 habitantes, estava em fase de crescimento, evoluindo de um pequeno entreposto na fronteira para uma região urbana de tamanho considerável. Além dos avanços políticos e econômicos, Nashville vivia dias de avanços religiosos, especialmente por parte dos Metodistas e Presbiterianos. A primeira igreja batista de Nashville, foi fruto de uma reunião evangelística em 1820, em parceria feita entre o evangelista Jeremiah Vardeman e o pastor James

¹⁵ PATTERSON, 2012, p. 40.

¹⁶ COMBOS, (1998), Disponível em: <http://history.landmarkbiblebaptist.net/graves.html> acesso em 15/08/2015

¹⁷ PATTERSON, 2012, p. 41.

Whitsitt¹⁸. Assim, quando Graves se uniu por carta de transferência à Primeira Igreja Batista de Nashville, em 1845, esta tinha 25 anos e 330 membros.

Mesmo sendo uma igreja jovem, a Primeira Igreja Batista de Nashville já havia experimentado divisões antes da chegada de Graves. Seu segundo pastor, Philip Fall, havia convencido a igreja a abraçar a teologia dos Campbelitas, junto com sua heresia da regeneração batismal. Os poucos membros não convencidos tiveram de abandonar o edifício da igreja. Em 1834 estes ‘fugitivos’ convidaram Robert Boyte Crawford Howell para ser seu pastor. Além de seu ministério local, Howell foi o fundador e editor do jornal *Baptist* (O Batista) desde 1835, participante de várias parcerias evangelísticas no estado de Tennessee e um dos primeiros líderes na recém-criada Convenção Batista do Sul¹⁹. Quando Graves se unia à Primeira Igreja Batista de Nashville, Howell já pastoreava a igreja há uma década.

2.3 Envolvimento com o jornal *O Batista*

Howell logo convidou Graves a escrever artigos ocasionais para o jornal *O Batista*. Também, sob a liderança do Howell, Graves tornou-se pastor da Segunda Igreja Batista de Nashville em 1845, que tinha sido plantada dois anos antes. Na ocasião do seu novo pastorado, foi publicada uma nota no jornal *O Batista*, no qual Howell se referia a Graves: “O pastor [...] apesar de ser bem jovem, é amplamente educado, exemplar na sua piedade, e dedicado ardentemente ao seu trabalho, e já com alguma experiência ministerial.”²⁰

Entretanto, duas décadas mais tarde, Howell refletiria sobre suas primeiras impressões a respeito do Graves:

Foi percebido que, apesar de não ser educado regularmente e nem inteiramente, suas conquistas literárias e científicas eram respeitáveis, e mesmo sem conhecimento teológico, demonstrava ser um orador disposto e plausível, mesmo faltando tanto elegância quanto precisão geral de estilo. Mas, como faltavam professores e especialmente ministros entre nosso povo, ele não foi criticado tão particularmente. Eles

¹⁸ PATTERSON, 2012, p. 45.

¹⁹ Idem

²⁰ HOWELL, Robert Boyte Crawford. Installation. Baptist. Nashville: 8 de novembro de 1845, p.178.

receberam-no cordialmente, fazendo tudo que podiam para sustentá-lo como professor, e dar-lhe caráter e influência como ministro.²¹

Graves permaneceu como pastor por quatro anos. Durante este período, ele dedicou tempo na esfera familiar, ao lidar com a morte do seu filho Zuinglius, ainda bebê, e o adoecer da sua esposa.

Em 1846, ele tornou-se o editor assistente do jornal *O Batista*, editado por Howell, publicado semanalmente pela Associação Geral Batista do Tennessee e enviado para uma lista de mil assinantes.²²

Em maio de 1847, o jornal mudou seu nome para *The Tennessee Baptist* (O Tennessee Batista) e adotou um novo *layout* que permitia a impressão de mais colunas por página. Ainda naquele ano, Graves estabeleceu a *Sociedade de Publicações Batistas de Tennessee*, à qual foram transferidos todos os direitos do jornal. Howell entregou seu cargo em junho do ano seguinte. James Patterson acrescenta:

[Howell] deixou Nashville em 1850 para pastorear a Segunda Igreja Batista em Richmond, no estado de Virginia; retornou para Nashville em 1857, quando enfrentaria Graves em um conflito intenso na Primeira Igreja Batista de Nashville que eventualmente afetaria toda a Convenção Batista do Sul.²³

Deixando o pastorado da Segunda Igreja Batista, Graves passou a se dedicar às responsabilidades editoriais do jornal.

Fui o primeiro homem no estado do Tennessee, e o primeiro editor nesse país, que “publicamente defendeu a política de aplicar, com rigidez e consistência, às nossas práticas, todos os princípios que todos os batistas verdadeiros, em todas as épocas, têm professado crer.”²⁴

²¹ HOWELL, Robert Boyte Crawford. A Memorial of the First Baptist Church, Nashville, Tennessee, from 1820 to 1863, by a Member of the Church. (Cópia transcrita). Nashville: Dargan-Carver Library, 1863

²² TULL, James E., 2000, p. 2.

²³ PATTERSON, 2012, p. 49.

²⁴ GRAVES, J. R., Old Landmarkism: What Is It?, 1880, Kindle Locations 384-387.

2.4 Seu contexto: O restauracionismo dos Campbelitas

Até os 25 anos de idade, J. R. Graves já tinha vivido em 3 estados e tido contato com o fervor batista do sul. Seu ministério, em parte, é fruto do contexto das suas experiências vividas ao longo desse tempo. Em Kentucky, Ohio e Vermont, Graves convivia indiretamente com os Batistas Separatistas e, no estado de Tennessee, convivia com Pedobatistas, especialmente os Metodistas. Quando consideramos seu contexto, porém, não podemos negligenciar o movimento Campbelita.

No século XIX, o irlandês Alexander Campbell ajudou a fundar a denominação *Discípulos de Cristo*, no sul dos EUA, em 1830, defendendo uma suposta volta às origens do Cristianismo. Rejeitando o uso de credos confessionais, Campbell pregava que somente o batismo pode dar segurança de salvação. Também afirmava que a fé em Cristo é uma concordância racional apenas. Em 1830, Campbell fundou o jornal *Millennial Harbinger* e através dele publicou seus escritos até 1870.

Sua visão de que o Evangelho antigo tinha sido obscurecido por tradições humanas teve ampla aceitação, inclusive entre os batistas. Douglas Foster, no seu tratado do movimento Campbelita, comenta: “Seus ataques contra as confissões atraiu alguns Batistas, especialmente Batistas Separatistas, a se unir ao movimento²⁵.”

O ensino do Campbell soou autêntico e anunciava uma suposta volta à simplicidade das Escrituras, o que atraía Batistas, apesar das diferenças aparentes entre as duas denominações. Douglas Foster traça quatro diferenças básicas:

No quesito da autoridade religiosa, a visão de Campbell quanto a autoridade das Escrituras colidiu com o hábito batista de usar confissões em defesa dos seus princípios. Quanto a união cristã, a visão de Campbell acerca da fé como decisão racional e espontânea colidiu com o entendimento mais calvinista dos Batistas acerca da graça preveniente e a eleição. Quanto ao papel do Espírito Santo na conversão, Campbell insistia que o Espírito Santo opera somente através das Escrituras e essa visão colidiu com a visão Batista do poder regenerador e convincente do Espírito. Quanto às missões,

²⁵ FOSTER, 2004, p. 68.

sua posição contra a cooperação em prol de missões das igrejas locais somente colidiu com o esforço crescente entre os Batistas em favor das missões internacionais.²⁶

A doutrina Campbelista teve um efeito devastador. Arquivos históricos citam casos de associações batistas se dividindo e igrejas locais se separando devido a infiltração das doutrinas Campbelistas. Por exemplo, alguns historiadores estimam que até metade das igrejas batistas no estado de Kentucky migraram para o movimento *Discípulos de Cristo*²⁷.

Em resposta, Graves fez uso dos seus dons de escritor, respondendo às propostas do Campbelismo.

“[O Campbelista] afirma, com toda a força de linguagem, que o pecador pode chegar a Cristo somente através da água; somente pela imersão nas águas pode alcançar o sangue de Cristo; e em outros lugares afirma que imersão e regeneração são termos com o mesmo significado. Campbelistas, então, se unem aos mestres apóstatas do Cristianismo ao colocar as águas antes do sangue; e assim apontam o pecador culpado e ímpio às águas do batismo como sacramento da salvação.²⁸”

Mas tarde,

Deve ser verídico que a grande maioria dos Pedobatistas e a maioria dominante daqueles que são membros das sociedades Campbelistas não são regenerados e não podemos estender a eles o título de irmãos em Cristo; caso contrário, estaríamos enganando-os pois, eclesiasticamente falando, sabemos que não são irmãos.²⁹

Quando Graves escrevia contra seus opositores, ele frequentemente tinha em mente os Campbelistas e pedobatistas e frequentemente escrevia contra ambos como se fossem um “inimigo comum³⁰”, chegando ao ponto de descreve-los como “aqueles que subverteram a fé de muitos com suas falsas doutrinas”, sendo ‘ímpios’, ‘infiéis’, ‘organizações estranhas... criadas para opor diretamente às igrejas de Cristo³¹’”.

Conforme seu movimento crescia, Graves tinha de responder às dúvidas levantadas por aqueles que pertenciam à sua própria denominação.

²⁶ Idem.

²⁷ MCBETH, 1987, p. 375-377.

²⁸ GRAVES, Old Landmarkism: What is it?, Kindle Location 1071 of 3564

²⁹ Ibid. Kindle Locations 1815-1816.

³⁰ Ibid. Kindle Locations 1934-1935.

³¹ Ibid. Kindle Locations 2095-2096.

Fica claro o quão degenerado está o estado das coisas quando batistas têm de se defender dos ataques de seus próprios irmãos, por consistentemente manter os princípios honrados de sua própria denominação. Quando batistas professos fazem amizade com um inimigo comum, eles mesmos apresentam um mais "feroz" e amargo espírito de perseguição do que aqueles que uma vez perseguiram nossos antepassados até a morte por manter os mesmos sentimentos que os Batistas Landmarkistas mantêm hoje. Mas este é o caso enquanto o mundo imparcial rende o veredicto: "Não encontramos nenhuma falha nesses homens", admitindo que o nosso curso é estritamente compatível com os princípios Batistas, e o curso dos nossos opositores não.³²

2.5 As Resoluções Cotton Grove

Foi através do jornal *The Tennessee Baptist*, sob a pena do editor Graves, que o Landmarkismo começou a ser modelado e divulgado. No seu livro "Old Landmarkism: What is it?", Graves afirma:

Em 1846, assumi a liderança do jornal "The Tennessee Baptist" e logo comecei a agitar a questão da validade de batismos estranhos e a questionar a validade de os Batistas reconhecerem, através de qualquer ato eclesiástico ou ministerial, as sociedades ou pregadores Pedobatistas como igrejas e ministros de Cristo. A agitação deu início à convenção que se reuniu em Cotton Grove.³³

Agitação parece ter sido a palavra certa. De fato, a eclesiologia de Graves não agradava a todos, em especial seus irmãos pedobatistas. O metodista William Brownlow, em seu livro-resposta à visão de Graves, escreveu logo na abertura do primeiro capítulo:

Quem já não ouviu falar do nome, e lido mais ou menos a respeito das discussões, abusos e a preconceituosa falta de tolerância do notório e egocêntrico J. R. Graves, editor do "Tennessee Baptist!" [...] Dizem que há peixes que só nadam em águas sujas, e o jornal ao qual me refiro não sobreviveria um ano fora do contexto de calúnias e vitupério!³⁴

³² Ibid. Kindle Locations 1935-1938.

³³ Ibid. Kindle Locations 325.

³⁴ BROWNLOW, 1856, p. 19.

Os artigos publicados no jornal “Tennessee Baptist” foram os primeiros passos do movimento Landmarkista. Graves entendia que estava “inaugurando uma reforma³⁵”. Em 1847, Graves iniciou uma nova coluna, intitulada “Perguntas Eclesiásticas” na qual responderia a dúvidas enviadas pelos leitores. Em junho daquele ano, um certo John Wheelock de Mississippi fez a seguinte pergunta: “É bíblico receber membros de uma denominação pedobatista, os quais foram batizados por imersão pela denominação pedobatista, sem rebatizá-los?” Graves respondeu que não, e acrescentou:

Alguém que tenha sido batizado por imersão por um administrador que não tenha sido batizado por imersão, não pode ser candidato à membresia da igreja. Se você é um Batista, essa deve ser sua decisão... Ao receber uma pessoa imergida por um administrador que não tenha sido imergido, você estará recebendo um pessoa que não foi batizada, e isso seria uma violação das Escrituras e da prática da nossa igreja — por consequência cismático. Seria render uma das maiores doutrinas da nossa igreja.³⁶

Seu colega John Waller, editor do jornal *Western Baptist Review* discordou de Graves, e os dois jornais mantiveram uma longa discussão sobre a questão por vários meses. Waller foi correto em apontar que a visão de Graves exige uma “*corrente inquebrável de administradores adequados*”³⁷. Um batismo por imersão feito por um anabatista pedobatista no século XVI, por exemplo, invalidaria muitos dos batismos feitos hoje por um batista credobatista.

O próximo passo foi a reunião em Cotton Grove. No dia 24 de junho de 1851, vários batistas do estado de Tennessee congregaram na pequena Igreja Batista Cotton Grove, convocados por James R. Graves, através do seu jornal, sendo anunciado como uma “reunião em massa” para determinar as demarcações batistas. Poucas semanas após a reunião, Graves publicou um resumo da pauta no *Tennessee Baptist*. Os pontos foram levantados em formato de pergunta:

Primeiro: Batistas, consistentes com seus princípios ou com as Escrituras, podem reconhecer essas sociedades não organizadas de acordo com o modelo da Igreja de Jerusalém, mas que possuem diferentes formas de governo, diferentes ofícios, uma diferente classe de membros, diferentes ordenanças, doutrinas e práticas, como sendo igrejas de Cristo?

³⁵ Ibid. Kindle Location 376.

³⁶ GRAVES, J. R. “Ecclesiastical Questions,” *Tennessee Baptist*, 14 de agosto de 1847, [2].

³⁷ WALLER, John, “The Administrator of Baptism,” *Western Baptist Review* 3 (agosto 1848): p 473, 474

Segundo: Devem elas ser chamadas de igrejas evangélicas, ou igrejas no sentido religioso?

Terceiro: Podemos consistentemente reconhecer os ministros de tais corpos irregulares e não bíblicos, como ministros do Evangelho?

Quarto: Quando convidamos tais ministros aos nossos púlpitos (ou qualquer outro ato que seria ou poderia ser construído em tal reconhecimento), não estamos de fato os reconhecendo como ministros oficiais?

Quinto: Podemos consistentemente considerar como irmãos aqueles que professam o cristianismo mas não têm a doutrina de Cristo e não andam de acordo com os seus mandamentos, e ainda se posicionam em direta e amarga oposição a eles?³⁸

O grupo reunido em Cotton Grove respondeu, por unanimidade, no negativo, com exceção do quarto item, que exigia uma resposta afirmativa. Apesar de ser uma consideração um tanto superficial do Landmarkismo, o qual ainda seria mais finamente desenvolvido nas próximas décadas, as resoluções de Cotton Grove, na sua essência, questionaram a legitimidade de igrejas e ministros não-Batistas.

A implicação dessas resoluções sugere que qualquer relacionamento entre os Batistas e as demais denominações deve ser limitado ao máximo, o que indica uma mudança no posicionamento de Graves. Três anos antes, Graves tinha observado que, apesar das diferenças entre batismos por imersão e aspensão, Batistas devem “trocar púlpitos — participar nos círculos sociais e de oração; devem celebrar os avanços da causa de Cristo nas igrejas Pedobatistas.”³⁹

2.6 O Grande Triunvirato

Cedo na sua campanha pela ortodoxia batista, Graves recebeu o apoio de dois homens que provaram ser essenciais na sua campanha. O historiador James Tull descreve-os:

J. M. Pendleton (1813-1891), pastor de uma igreja Batista na cidade de Bowling Green, em Kentucky, conheceu Graves em 1852, e logo se converteu aos seus pontos de vista controversos. Pendleton escreveu extensivamente em periódicos Landmarkistas e

³⁸ GRAVES, Kindle Locations 361-362.

³⁹ GRAVES, J. R.. The Lord's Supper, No. III. Tennessee Baptist. Nashville: 25 de maio de 1848, p. 3.

publicou vários livros que chegaram a ser bem conhecidos. Sua maior contribuição à causa Landmarkista foi um folheto, em 1852, intitulado, “An Old Landmark Re-set” (Um Antigo fundamento reestabelecido). Neste folheto, Pendleton posicionou-se contra o reconhecimento dos pregadores pedobatistas como ministros cristãos. O folheto despertou a atenção da denominação Batista do Sul, e assim colocou, pela primeira vez, a questão Landmarkista no topo da lista das considerações da denominação.

O segundo importante seguidor de Graves foi Amos Cooper Dayton (1811-1865). Um dentista por profissão, Dayton deixou o presbiterianismo para adotar a visão batista em 1852. Logo em seguida, conheceu Graves e se tornou um dos Landmarkistas mais rígidos.

Dayton foi um escritor polêmico com certa aptidão. Também escrevia ficção. Sua maior contribuição foi uma obra de ficção em dois volumes chamada Theodosia Ernest, que popularizou os princípios característicos do Landmarkismo. Em meados de 1850 (e pelas próximas três ou quatro décadas), milhares de Batistas em todo o sul dos Estados Unidos leram Theodosia Ernest. Graves, Pendleton, and Dayton foram conhecidos pelos seus seguidores como O Grande Triunvirato do Landmarkismo. Juntos, formaram um time formidável para avançar a causa Landmarkista.⁴⁰

Dos três, Graves e Dayton tiveram mais em comum, chegando a dividir as responsabilidades de edição do *Tennessee Baptist*. Mas os três avançaram a causa Landmarkista. W. W. Barnes ilustra seus papéis definidos: “*Neste novo movimento, Pendleton foi o profeta, Graves o guerreiro, e Dayton o portador de espada.*”⁴¹

Mesmo sendo o autor do folheto clássico sobre Landmarkismo, Pendleton teve algumas divergências com Graves. Por exemplo, Pendleton cria na igreja universal, não ensinava sucessão eclesiástica, e considerava a questão de comunhão ultra-restrita como trivial⁴². Entretanto, em um editorial, Graves descreveu Pendleton como sendo “*homem que tem poucos superiores a ele como escritor e crítico, um acadêmico maduro e de piedade profunda*”

⁴⁰ TULL, 1984, p. 130-131.

⁴¹ BARNES, 1954, p. 103.

⁴² BRYAN, Philip. Early Landmarkism. Disponível em < <http://www.prbryan.com/diss/dis-ch21.htm> > Acesso: 26 de agosto de 2015

*e ardente — ele é eminentemente um homem de Deus — conhecido pouco demais para receber o devido reconhecimento que merece.*⁴³

Em meados de 1860, Pendelton, por motivos relacionados a Guerra Civil, e Dayton, por razões de saúde, deixaram Nashville, deixando de ter um envolvimento tão árduo na evolução do movimento Landmarkista.

2.7 Sua exclusão da Primeira Igreja Batista de Nashville

Em 1849, quando Graves deixou o pastoreio da Segunda Igreja Batista de Nashville, ele e sua esposa se juntaram à Primeira Igreja Batista de Nashville, sob o pastoreio de Howell. Dois anos mais tarde, quando Howell entregou o cargo para então aceitar o convite pastoral de uma igreja em Richmond, a Primeira Igreja Batista então votou unanimemente para receber Graves como pastor temporário, até encontrar um pastor definitivo. Sua personalidade forte chamava atenção. Nas palavras de um jornalista: “[Graves] é bastante popular, ele é o que é — destemido, sem hesitação, e sempre contendendo por aquilo que entender ser a verdade e dever.”⁴⁴

Samuel Baxter pastoreou aquela igreja entre 1850 e 1853, e William Bayless a pastoreou de 1854 até 1856. Ambos os pastores Baxter e Bayless tiveram desafios frustrantes ao lidar com Graves. O Landmarkismo cresceu, especialmente durante o pastoreio do Pr. Bayless e, qualquer que resistisse ao movimento tinha, nas palavras de Howell, de lidar com “frustrações perpétuas e azia”.⁴⁵ Em 1855, um comitê teve de ser instituído para administrar o caso de um diácono, William Jones, que processou Graves por difamação. Não tendo sucesso, o comitê reconheceu o lado mais controverso da personalidade de Graves: “O irmão Graves não se dá bem com alguns membros da Primeira Igreja Batista na cidade de Nashville, aonde é membro, e nem é aceitável a esses membros que ele ocupe o púlpito.”⁴⁶

Em março de 1857, a Primeira Igreja Batista convidou Howell, de forma unanime, a novamente ocupar o cargo de pastor. O convite tinha a implicação clara que Howell era “o único líder que poderia resgatar a congregação chacoalhada da influência militante do

⁴³ GRAVES, J. R.. *Tennessee Baptist*. Nashville: Ferguson, McFerrin & Co., 1852, p. 3.

⁴⁴ P., *Tennessee Correspondence*., Nashville: Baptist Banner, 1850, p. 2.

⁴⁵ HOWELL, 1863, 1:327, 332

⁴⁶ Ibid.

Landmarkismo no seu meio”⁴⁷. Em julho do mesmo ano, Howell aceitou o convite. Dentro de um mês, Howell lamentaria em uma carta pessoal a J. Broadus: “O Landmarkismo tem sido destrutivo em toda essa região ... ressecando a espiritualidade nas igrejas e o ministério, e fechando os ouvidos do povo contra nossa pregação”⁴⁸.

De outro lado, Graves usava seu jornal para comentar suas diferenças com Howell, publicando que “O presbítero Howell usaria sua influência para reprimir o editor do Tennessee Baptist, seu jornal e a Editora South-Western Publishing, esmagando os princípios e influências do Antigo Landmarkismo...”⁴⁹.

Notável nesse período é o fato que A. C. Dayton, um dos Triunvirato, foi eleito o segundo secretário do Conselho Bíblico, uma entidade da Convenção Batista do Sul que até então tinha Howell como seu Presidente. Dayton e Graves buscaram infundir na Convenção materiais Landmarkistas, propondo que o Conselho produzisse materiais didáticos. A questão acabou mais disputada do que esperado, com ambos os lados desejando estruturar o material de acordo com suas próprias orientações ideológicas. Paralelamente com essas discussões, um comitê estudava a administração e forma de liderança de Dayton, determinando que certas atitudes não foram de acordo com a política da entidade, o que culminou na sua renúncia em 1858.

Certo de que tudo se passava como uma tentativa sistemática de afundar o Landmarkismo, Graves procurou defender seu colega, chegando a publicar em seu jornal que seu pastor “presbítero Howell usou de sua influência para destruir o presbítero Dayton.”⁵⁰ Em outra publicação, Graves afirma que a renúncia de Dayton foi causada por uma união anti-Landmarkista, tendo “um líder em Nashville”, referindo-se obviamente a Howell.

A situação foi frustrante e exaustante. No seu *memoir*, Howell considera a utilidade do jornal *Baptist Tennessee* sob a direção do Graves:

Se tivesse sido engolido pelas profundezas do mar já há cinco anos, sua destruição teria sido uma benção para todo nosso país... Tem inflamado suas paixões Batistas, criou desconfiança, levantando um contra o outro com agressividade, substituindo o amor de

⁴⁷ PATTERSON, 2012, p. 127.

⁴⁸ HOWELL, R. C.. Carta pessoal do Howell ao J. A. Broadus. 11 de outubro de 1857.

⁴⁹ GRAVES, J.. External History. Tennessee Baptist. Nashville, 12 de março de 1859, p. 4.

⁵⁰ Ibid. p. 2.

Cristo por um câncer faccioso e, aonde tem tido influência, tem apagado quase toda a espiritualidade dos corações.⁵¹

Em setembro de 1858, a Primeira Igreja Batista trouxe acusações formais contra Graves, listando cinco agravos referentes à sua conduta:

(1) Procurando trazer "afrontas e agravos" através de "representações falsas e maliciosas" sobre seu pastor no Tennessee Batista, e, assim, forçando uma 'colisão' entre Howell e A. C. Dayton; (2) distraíndo e dividindo a Primeira Igreja Batista ao criar conflitos através de "artigos inflamatórios" em seu jornal; (3) publicando "difamações atrozes e vãs" contra Howell no seu jornal; (4) atacando e difamando outros ministros Batistas e líderes no seu jornal; (5) dizendo e publicando "mentiras deliberadas e propositais".⁵²

A congregação se reuniu para deliberação e progrediu para além da meia-noite. Cada agravo foi considerado amplamente. Quando ficou claro que Graves perderia o argumento, ele e mais 23 seguidores deixaram a reunião, reunindo-se em outro endereço e se declarando como a "verdadeira" Igreja Batista de Nashville. Após a partida de Graves e seu grupo, ainda em deliberação extensa, a igreja votou sobre as cinco questões referentes à conduta de Graves, e unanimemente (com a exceção de um voto sobre último ponto) votou a exclusão de Graves do seu rol de membros.

Cinco dias após sua exclusão, Graves solicitou que a Associação Batista Geral de Tennessee reconhecesse sua congregação como sendo a autêntica Primeira Igreja Batista de Nashville. Por motivos legais, entretanto, a igreja adotou o nome de Spring Street Baptist Church, e elegeu Graves como seu pastor.

Pouco mais de um mês depois destes eventos, Graves convocou vinte igrejas da Associação Batista Concord a se reunirem no Auditório Old Fellows em Nashville. Neste encontro, durante três dias, Graves falou por volta de 16 horas, defendendo sua conduta, confiante de que a igreja pastoreada por Howell perdera sua qualidade de ser 'igreja verdadeira' sob o pressuposto de que não seguira à risca o modelo de Mateus 18 no processo de exclusão. Por aquela igreja ter perdido sua legitimidade, afirmava Graves, seus atos de disciplina também

⁵¹ HOWELL, 1863, p. 52.

⁵² PATTERSON, 2012, p. 136.

foram anulados.⁵³ No final dos três dias, os convidados votaram por absolver Graves de todos os agravos, feito que seu colega Pendleton comemorou como sendo uma “absolvição triunfante”⁵⁴.

Ironicamente, por mais que Graves dissesse prezar a independência e autonomia da igreja local, vemos um uso indevido de associações para-eclésiásticas tanto naquela primeira reunião em Cotton Grove como também na reunião em Old Fellows. Quanto a esta última reunião, Howell comentou que o patriarca do Landmarkismo “nega que as decisões disciplinares de uma igreja são finais, já que um concílio, ou associação, pode rever, anular ou desfazer-las. Assim, ele repudia a doutrina da independência e soberania eclesiástica... Ao nosso ver é claro que Sr. Graves pretende organizar, e está neste momento organizando, uma nova seita própria.”⁵⁵

Por mais que Graves demonstrasse confiança no seu uso de associações para-eclésiásticas para sancionar suas decisões, seus exageros parecem ter pesado sobre sua consciência. Em 1860, mandou uma carta a igreja do Howell, na qual confessou que, ao “defender a verdade”, possivelmente tenha “errado em alguns dos meus fatos, e possivelmente tenha dito outros fatos com firmeza demasiada, e sem o cuidado suficiente quanto ao efeito que poderia produzir nos sentimentos dos meus irmãos”.

⁵³ Ibid. p 139.

⁵⁴ PENDLETON, J. M.. The Council. Tennessee Baptist. Nashville, 12 de março de 1859, p. 2.

⁵⁵ HOWELL, R. B. C.. Grave's Speech before the Tenn. Convention. Howell Collection. Nashville, 1859

3 LANDMARKISMO: DEFINIÇÕES E ANÁLISE

3.1 Definições

O historiador James Tull descreve o objetivo ambicioso do movimento Landmarkista:

O movimento tentou defender e preservar aquilo que seus líderes tinham como princípios batistas históricos e distintivos. Atenção foi dada em particular para as premissas que entenderam estar sob ataque de pessoas fora da comunidade batista, ou que criam estar ameaçadas pela negligência de batistas desviados.⁵⁶

Em geral, Graves defendia alguns fundamentos facilmente aceitos pela maioria dos Batistas da sua época, como por exemplo: a suprema autoridade da Palavra de Deus, batismo por imersão e o governo congregacional. Todavia, Graves não acreditava que essas marcas fossem suficientes para demarcar os limites denominacionais. A coluna central do movimento Landmarkista é sua eclesiologia e as demais premissas são implicações dela. No seu livro *“Antigo Landmarkismo: O que é?”*, Graves lista oito qualificações que determinam a autenticidade de uma igreja. Nenhuma igreja é tida como verdadeira se não confessar todas as oito qualificações com as mesmas definições e ênfases Landmarkistas:

1. Instituição divina;
2. Instituição visível;
3. Encontra-se nesta terra;
4. Organização local;
5. Regenerados espiritualmente mediante profissão de fé;
6. Batismo bíblico;
7. Ceia do Senhor como ordenança;
8. Sucessão eclesiástica, ou perpetuação do reino.⁵⁷

Howard S. Smith explica:

⁵⁶ TULL, 1984, p. 129.

⁵⁷ GRAVES, James R.. *Old Landmarkism: What is it?*, (Versão Kindle). First Vision Publishers, 2014

O movimento Landmarkista, ou Landmarkismo, foi dominado por uma interpretação estreita da eclesiologia. Seus princípios fundamentais são que Jesus fundou uma igreja Batista, que uma sucessão de igrejas Batistas é rastreável na história e que igrejas Batistas são os únicos herdeiros da igreja fundada por Cristo. Qualquer outra denominação é uma mera sociedade religiosa com um fundador humano. Conseqüentemente, apenas relações limitadas são permitidas entre Batistas e demais cristãos.⁵⁸

Hugh Wamble sugere quatro pontos que resumem as premissas Landmarkistas de forma sucinta:

(1) Somente ministros batistas são ministros evangélicos autênticos. (2) Somente o batismo por imersão, autorizado por um ministro autêntico, sobre um candidato (crente) autêntico, como símbolo (não o meio) da salvação, é o batismo legítimo. (3) A igreja é uma congregação visível, local e independente, exercendo autoridade plenária em uma forma democrática, e somente igrejas Batistas enquadram-se em tal descrição. (4) Batistas (igrejas Batistas) têm uma sucessão inquebrável desde os tempos de Cristo.⁵⁹

Christopher Barber descreve alguns elementos da eclesiologia Landmarkista:

Landmarkismo é uma eclesiologia que nega a validade da existência ou atividades de qualquer igreja que não: (1) consiste somente de membros que tenham recebido imersão simbólica após uma confissão pública de que tenham sido convertidos; (2) tem a organização de uma congregação local e autônoma; (3) reconhece somente dois ofícios na igreja — de pastor e de diácono; (4) pratica o batismo e a ceia do Senhor como ordenanças simbólicas; e (5) prova sem erro sua ligação àquela primeira igreja do Novo Testamento.⁶⁰

Para Graves, a eclesiologia Landmarkista é a mais antiga do Cristianismo e ele se via como um reformador batalhando em favor de princípios historicamente e biblicamente sólidos, chamando as igrejas Batistas a voltarem-se para as demarcações antigas de sua denominação. Graves frustrava-se com seus colegas batistas que não participavam do seu movimento.

⁵⁸ SMITH, H. S.. A critical analysis of the theology of J. R. Graves. 1966. Tese (Doutorado em Teologia) – Southern Baptist Theological Seminary, Ft. Worthy, Texas. 1966

⁵⁹ WAMBLE, 1964, p. 429-447.

⁶⁰ BARBER, 2014 Disponível em <
[http://www.campbellsville.edu/Websites/cu/images/Library/Campbellsville_Review/Vol._7_/Barber_-_Who_Moved_My_Landmarks_\(original\)_docx.pdf](http://www.campbellsville.edu/Websites/cu/images/Library/Campbellsville_Review/Vol._7_/Barber_-_Who_Moved_My_Landmarks_(original)_docx.pdf)> Acesso: 26 de agosto de 2015

Testemunha-se o estado degenerado das coisas quando batistas têm de se defender dos ataques de seus próprios irmãos, por consistentemente manterem os princípios honrados de sua própria denominação. Quando batistas professos fazem amizade com um inimigo comum, eles mesmos apresentam-se um mais "feroz" e amargo espírito de perseguição, do que aqueles que uma vez perseguiram nossos antepassados até a morte por manter os mesmos sentimentos que os Batistas Landmarkistas mantêm hoje. Mas este é o caso, enquanto o mundo imparcial rende o veredicto: "Não encontramos nenhuma falha nesses homens", admitindo assim que o nosso curso é estritamente compatível com os princípios Batistas, enquanto o curso dos nossos opositores não é.⁶¹

Todavia, quando consideramos a eclesiologia Landmarkista como um todo, temos de reconhecer que ela é recente. T. A. Patterson conclui:

É possível que cada ponto defendido [por Graves] tenha sido advogado por algum outro Batista no passado, mas, sem dúvidas, Graves foi a primeira pessoa a reunir todas essas crenças em uma só sistema. Ele foi o primeiro a dar expressão a esse sistema.⁶²

3.2 Uma análise das Premissas Landmarkistas

Consideraremos a coerência histórica e teológica das cinco ênfases do Landmarkismo, recorrentes na literatura Landmarkista.

3.2.1 Primeira ênfase: As igrejas batistas e o reino de Cristo são iguais.

Fazendo referência a Hebreus 12.28, Graves entendia que o reino inabalável é a igreja que perpetua:

...Minha posição é que Cristo, nos dias "de João o Batista", estabeleceu um reino visível na terra, e que este reino nunca foi "dividido", nem dado a outra classe de indivíduos — nem por um dia "sido abalado", nem cessado a sua existência na terra, e nunca cessará até a volta de Cristo para reinar sobre ela; que a organização que ele primeiro estabeleceu, que João chamou de "Noiva", e que Cristo chamou sua igreja, constituiu o

⁶¹ GRAVES, Kindle Locations 1935-1938.

⁶² PATTERSON, T. A.. The Theology of J. R. Graves. 1944. Tese (Doutorado em Teologia) – Southern Baptist Theological Seminary, Ft. Worthy, Texas. 1944

reino visível, e hoje todas as suas verdadeiras igrejas na terra a constituem; e, portanto, se o seu reino permaneceu inalterado, e até o fim, ele deve sempre ter tido igrejas verdadeiras e não corrompidas, já que o seu reino não pode existir sem igrejas verdadeiras.⁶³

Graves entendia que as fronteiras da igreja são às mesmas do reino de Cristo. Enquanto o batismo é a porta de entrada na igreja, uma igreja batista é a porta de entrada no reino.

Uma vez que eu tenho usado os termos da igreja e do reino, pode ser útil explicar aqui o que eu entendo por eles e sua relação um com o outro. Foram usados como sinônimos pelos evangelistas enquanto Cristo tinha somente uma igreja organizada e eles eram, então, um em um só corpo. Assim, logo que "as igrejas foram multiplicadas", uma distinção surgiu. O reino abraçou a primeira igreja, e agora abrange todas as igrejas. As Igrejas de Cristo constituem o reino de Cristo, como as doze tribos, cada uma separada e independente da outra, constituíram o reino de Israel, como as províncias de um reino constituem o reino, como todos os Estados soberanos separados destes Estados Unidos constituem a América. Agora, como nenhum estrangeiro pode se tornar um cidadão desta República sem ser naturalizado como um cidadão de algum dos Estados, do mesmo modo ninguém pode entrar no reino de Cristo, sem se tornar um membro de alguma de suas igrejas visíveis.⁶⁴

A implicação é clara: “somente [igrejas Batistas] constituem o reino visível de Cristo, que é o antítipo do reino de Israel, no Antigo Testamento.”⁶⁵ Futuros Landmarkistas levariam este conceito ainda além para dizer que somente os Batistas Landmarkistas compõem a Noiva de Cristo, ou que somente os Batistas Landmarkistas compõem o corpo de Cristo.

Para Graves, da mesma forma que a igreja é somente visível, o reino também deixa de ser invisível:

Esse reino, então, não pode ser o reino de Cristo invisível e conceitual como é para alguns, consistindo de todos os salvos de todas as nações em todas as épocas, conhecidos nas Escrituras como a “família de Deus” (Efésios 3.15); pois essa família em nenhum lugar é chamada de reino. Nunca foi instituída ou organizada. Não tem

⁶³ GRAVES, Kindle Locations 1700-1706.

⁶⁴ Ibid. Kindle Locations 620-626.

⁶⁵ Ibid. Kindle Locations 2080-2082.

organização, e então não é uma instituição, e não pode ser chamada propriamente de um reino, que sugere organização, e não pode ser ou existir sem ele.⁶⁶

Nesse sentindo, concorda com Agostinho que sustentava: “A Igreja já é o reino de Cristo e o reino dos céus,”⁶⁷ atribuindo exclusividade à sua denominação. Essa afirmação do Graves não passou despercebido entre seus colegas batistas, que eram temerosos que o arquiteto do Landmarkismo afirmaria também, *extra ecclesiam nulla salus*, fora da Igreja não há salvação. Mas Graves nunca chegou a professar essa implicação de sua visão.

Com base nesta doutrina, Graves condena as demais denominações de terem se levantado em rebelião contra o Rei do único reino, pois procuram estabelecer outro reino.

O homem que estabelece qualquer forma de igreja como igual [à verdadeira] ou em oposição a ela e influencia os homens a se unirem a ele, com a impressão de que eles estão se unindo à igreja de Cristo, comete um ato de rebelião aberta a Cristo como o único Rei de Sião; enquanto ofendem, enganam e iludem os que desejam seguir a Cristo, e sobre isso ele disse que “melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de azenha, e se submergisse na profundidade do mar” (Mateus 18:6). Deve ser verdade que aqueles que originam tais falsas igrejas, e aqueles que os apoiam por seus meios e influência, ocupam a posição de rebeldes contra a autoridade legítima e suprema de Cristo.⁶⁸

Segundo o landmarkismo de Graves, portanto, uma igreja não-batista, então, é uma igreja que se posiciona contra o Rei Jesus. Logo, se envolver ou apoiar uma igreja não-batista em qualquer situação é um ato contra Deus pois, “quando nos unimos com as sociedades humanas em vez de a uma igreja que Cristo estabeleceu como a casa de seus filhos, estamos rejeitando a Cristo como Rei e escolhendo os homens para nossos mestres.”⁶⁹

Por mais que Graves acreditasse que os anabatistas conservaram a verdadeira doutrina batista, não encontramos a doutrina igreja-reino nas obras principais dos Anabatistas. Menno Simons escreveu: “O reino de Cristo não é deste mundo visível, tangível e transitório, mas ... eterno,

⁶⁶ GRAVES, J. R.. The Dispensational Expositions of the Parables and Prophecies of Christ. Disponível < <http://www.reformedreader.org/history/graves/parableexpositions.htm>> Acesso em: 11/09/2015

⁶⁷ AUGUSTINE, 1866, p. 429.

⁶⁸ GRAVES, Kindle Locations 582-586.

⁶⁹ GRAVES, Kindle Locations 600-601.

espiritual e constante.”⁷⁰ Da mesma forma, Dirk Philips dizia que o reino de Deus "não é deste mundo, mas internamente entre todos os Cristãos genuínos"⁷¹.

O historiador William Estep, comentando a visão Anabatista sobre o reino de Deus, confirma: “O reino de Deus foi visto como o reino presente de Cristo na vida dos renascidos e também uma esperança futura de dimensões escatológicas.”⁷² Robert Friedmann, estudioso dos Anabatistas, entende que os anabatistas tiveram um conceito de ‘dois mundos’ quanto ao reino: o reino está presente em todo Cristão e ao mesmo tempo é uma nova ordem que poderá ser instituída a qualquer momento.⁷³

O ensino das Escrituras indicam que o Reino espiritual é composto por todos aqueles que são nascidos de novo e que fazem parte do povo de Deus de todos os lugares e em todos os tempos. Em João 3.3-5, Jesus Cristo instrui Nicodemos acerca desse novo nascimento, ensinando: “Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus.” Essa ênfase é ecoada pelo Apóstolo Paulo na sua epístola aos Colossenses: “Ele nos tirou do domínio das trevas e nos transportou para o reino do seu Filho amado, em quem temos a redenção, isto é, o perdão dos pecados.” A porta de entrada no reino é a obra salvífica de Jesus Cristo, aplicada pelo Espírito Santo. Por isso, os apóstolos anunciavam o reino e não a igreja, como, por exemplo, se vê no caso de Filipe em Atos 8.12 ou Paulo em Atos 19.8, 28.23,30,31.

Quando Graves afirma que a igreja local é o reino visível, ele livra-se de qualquer responsabilidade de servir aos irmãos não-batistas por não fazerem parte do ‘reino’. A única responsabilidade do cristão é para com sua igreja local e viver em favor dela é viver em favor do reino. Robert Moore considera que caímos em um de dois extremos quando ignoramos discussões coerentes sobre a eclesiologia em serviço do reino:

“Muitas vezes, Batistas têm evitado essa discussão, por isolar-se na posição hiper-Batista como faz o Landmarkismo, o qual simplesmente equivale o Reino à igreja local, ou homogenizar a si mesmo com um evangelicalismo genérico que sugere que o Rei não entregou um padrão às suas igrejas que aponta corretamente ao seu Reino.”⁷⁴

⁷⁰ MENNO, 1956, p. 108.

⁷¹ PHILIPS, 1992, p. 317.

⁷² ESTEP, William R.. *The Anabaptist Story*. (Versao Kindle). Michigan: William Eerdmans Publishing Company, 1996, Kindle Location 2543.

⁷³ Ibid. Kindle Location 2543.

⁷⁴ MOORE, 2008, p. 84.

3.2.2 Segunda ênfase: Igrejas Batistas são as únicas igrejas verdadeiras no mundo.

Uma igreja legítima, no entendimento de Graves, é aquela que é uma cópia exata daquela primeira fundada na Judeia. Qualquer variação — seja na doutrina, legislação, governo ou membresia — torna-a uma igreja falsa.

Se estiver certo na minha concepção do caráter dessa instituição divina, segue-se que a santidade e a autoridade do seu divino Fundador estão tão incorporadas em seu governo, como estavam em seu tipo — a teocracia judaica — de que, como os homens tratam da igreja, sua doutrina, legislação ou a seus membros, eles tratam de seu Autor. Desprezar e rejeitar os seus ensinamentos é desprezar o seu autor...⁷⁵

Uma igreja batista Landmarkista, “a sucessora da Primeira Igreja da Judeia — o modelo e padrão de todas”,⁷⁶ - é sinônimo de igreja evangélica, bíblica e verdadeira. Embora o Landmarkismo não negue que hajam cristãos em outras denominações, ele entende que, de forma *coletiva*, somente a igreja Batista Landmarkista é reconhecida por Deus como sendo sua igreja verdadeira. Homens e mulheres de todas as denominações podem seguir a voz de Cristo *individualmente*, mas somente os Batistas Landmarkistas podem obedecê-lo de forma *coletiva*.

Enfatiza-se que qualquer divergência do modelo neotestamentário é fatal. As igrejas verdadeiras terão de ser uniformes, o que para o Landmarkista é impossível quando existem tantas denominações cristãs diferentes. Graves ilustra da seguinte forma:

Podemos conceder que existem cinquenta diversas e distintas organizações religiosas só na América do Norte, cada uma radicalmente diferente da outra na forma e na fé, cada uma defendendo o direito de ser considerada evangélica — o que significa bíblica — e ainda mais do que qualquer outra, como a organização original que Cristo estabeleceu para ser o modelo e padrão para todas as suas igrejas.

Agora, a multidão irracional é ensinada a acreditar que todas essas seitas são igualmente evangélicas, e que é uma prova do "fanatismo intolerante" e uma falta de toda a “bondade cristã” afirmar que não podem ser igrejas, ou que se uma é bíblica, todo o

⁷⁵ GRAVES, Kindle Locations 590-594.

⁷⁶ GRAVES, Kindle Locations 1706-1713.

resto deve ser não bíblica. O quanto é absurdo admitir que todos sejam igualmente igrejas de Cristo não ocorre a eles. Vamos conferir.

AXIOMA I: Coisas iguais a mesma coisa são iguais ou semelhantes umas às outras.

Corolário - Se estas cinquenta organizações, diferentes e conflitantes, que afirmam serem igrejas, são evangélicas, isto é, bíblicas, deveriam portanto ser umas como as outras na doutrina e organização, mas são essencial e radicalmente diferentes umas das outras e, portanto, não podem ser todas bíblicas.

O homem que admitir que todas elas são evangélicas, ou qualquer uma ou duas delas, envolve-se no absurdo de afirmar que as coisas contrárias e desiguais entre si são a mesma coisa!

É afirmado pelos defensores de um cristianismo "não denominacional", que os batistas e os pedobatistas mantêm "em comum todas as doutrinas fundamentais e os princípios essenciais do cristianismo, diferindo apenas naquilo que não é essencial".

Esta é uma completa distorção dos fatos conhecidos e palpáveis, criada para enganar e induzir aqueles que não pensam.

Os protestantes são fundamentalmente opostos uns aos outros: por exemplo, os presbiterianos admitem e abertamente mantêm que seu Calvinismo é vital contra o Arminianismo dos metodistas e os metodistas livremente afirmam que seu Arminianismo é fundamental e essencialmente oposto ao Calvinismo. Presbiterianos defendem e ensinam que o Arminianismo é subversivo ao cristianismo, e metodistas afirmam o mesmo do calvinismo. Se um prega o Evangelho, o outro certamente não.

Cada batista verdadeiro na terra irá afirmar que as doutrinas e os princípios fundamentais do pedobatismo são totalmente subversivos a todo o sistema do cristianismo. Portanto, não é verdade que batistas e pedobatistas "têm em comum" todos os fundamentos do cristianismo e são igualmente evangélicos, pois eles diferem radicalmente na doutrina.

Podemos considerar seu raciocínio destacando quatro pontos:

Primeiro, na visão Landmarkista, uma igreja é evangélica somente quando ela é uma réplica exata da igreja de Jerusalém. Sua legitimidade depende do seu nível de exatidão. Por implicação, entende-se que somente uma igreja perfeitamente madura pode ser legítima, pois

uma igreja que falha em espelhar o padrão bíblico perde sua legitimidade. Entretanto, esse não parece ser o exemplo do Novo Testamento. As igrejas às quais Paulo escreve, por exemplo, parecem ser bastantes falíveis e até, em alguns momentos, rebeldes. Da mesma forma, as igrejas repreendidas pelo Senhor nas cartas do Apocalipse não obedeciam em algumas áreas essenciais. A história das igrejas do Novo Testamento dá testemunho que uma igreja local pode errar. Ela pode errar teologicamente como erraram as igrejas da Galácia e errar moralmente ou mesmo nas ordenanças, como a igreja em Corinto. Ela pode demonstrar “incredulidade e dureza de coração” (Marcos 16.14) perante seu Salvador. Entretanto, sua desobediência não tira, imediatamente, seu caráter de igreja cristã. Muito pelo contrário. Paulo se empenha para corrigir os erros eclesiásticos para que possam ser “firmes e constantes, sempre atuantes na obra do Senhor” (1Coríntios 15.58), e não porque tinham deixado de ser igreja cristã.

Segundo, ao entender que somente as igrejas Batistas Landmarkistas são autorizadas a cumprir as responsabilidades eclesiásticas, o Landmarkismo toma com exclusividade todas as garantias divinas feitas para com a Igreja de Deus. Ou seja, os privilégios, promessas e poder entregues à igreja Cristã foram entregues somente à igreja Batista Landmarkista. De acordo com essa interpretação, Deus designou apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres tendo em vista a edificação da igreja Batista Landmarkista somente (Efésios 4.11); somente a igreja Batista Landmarkista é sujeita a Cristo, e Cristo ama somente a ela, se entregou somente por ela, com o fim de santificar, purificar e apresentar somente ela a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha, nem ruga, santa e irrepreensível (Efésios 5.21-25); foi somente a igreja Batista Landmarkista que Cristo “comprou com o próprio sangue” (Atos 20.28); os dons servem para edificar somente a igreja Batista Landmarkista (1Coríntios 14.12); e a multiforme sabedoria de Deus é manifesta somente pela igreja Batista Landmarkista (Efésios 3.10).

Em terceiro lugar, precisamos considerar o dever eclesiástico da obediência. Como cristãos, somos chamados a obedecer a voz do nosso Salvador e atentar para todos os seus ensinamentos. Uma ovelha ouve sua voz e segue-o. Esse é o padrão do Cristianismo; o modelo a ser almejado. Todavia, quando consideramos o andar daqueles doze primeiros discípulos, notamos uma série de deslizes: debatiam quem era o maior no reino dos céus (Lucas 22.24), duvidavam que Cristo pudesse alimentar as multidões e controlar a tempestade, faltavam fé repetidas vezes, negaram que morreria pela cruz (Mateus 16.22) e, após sua ressurreição,

“alguns duvidaram” (Mateus 28.17). Coletivamente falando, os discípulos repetiram o mesmo erro do povo de Israel: não serviram seu Redentor com a fidelidade exigida e esperada. Nas igrejas locais, enxergamos a oscilação no coletivo que aflige o cristão individualmente: falta consistência na sinceridade, dedicação, amor, entendimento e humildade. De fato, algumas igrejas são “mais nobres” (Atos 17.11 ACF) e mais obedientes do que outras; mas todas as igrejas cristãs estão sendo lavadas pela Palavra por aquele que deu a sua vida pelo corpo (Efésios 5.23-30). É Cristo que a alimenta e cuida.

Vista dessa forma, uma igreja desobediente não deixa de ser igreja enquanto for o corpo de Cristo, reunida para ouvir sua Palavra e observar suas ordenanças. Uma igreja sectaria, arrogante, briguenta demonstra ser imatura, necessitando aprofundamento, ensino e a obra do Espírito Santo. Negar que ela seja igreja, portanto, seria a forma mais fácil de abandoná-la nos seus pecados. Ela deve ser lembrada da sua identidade em Cristo para buscar espelhar sua glória.

Em quarto lugar, consideramos o sentido da palavra evangélica. O landmarkismo entende que igrejas não-batistas não podem ser consideradas evangélicas. No seu famoso folheto, Pendelton sugere:

O que é uma denominação evangélica? Uma denominação em qual a sua fé e prática correspondem ao Evangelho. O que é uma igreja evangélica? Uma igreja formada de acordo com o modelo do Novo Testamento. Portanto, denominações pedobatistas não são evangélicas. Igrejas pedobatistas, como são chamadas, não são evangélicas.⁷⁷

A palavra Evangelho significa “boas novas”. Ser evangélico é, em primeira instância, ser alcançado pela mensagem salvífica do Evangelho. Um sermão evangélico, por definição, é aquele que anuncia o Evangelho de Cristo, ainda que o pregador tenha falhado em algum momento na exposição ou aplicação. As boas novas de Cristo são o centro da profissão e vida evangélica. Da mesma forma, uma congregação evangélica é aquela que é construída sobre a profissão fundamental: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mateus 16.16). Uma igreja evangélica é a “casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e alicerce da verdade” (1Timóteo 3.15) para que todos os homens venham ao conhecimento da verdade de que “há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem, o qual se deu a

⁷⁷ PENDELTON, (1854). Disponível em: < <http://www.reformedreader.org/history/anoldlandmarkreset.htm> > acesso em: 10/09/2015

si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo” (1Timóteo 2.4-6). Em contrapartida, a igreja que “nega que Jesus é o Cristo” (1João 2.22) é aquela que se levanta contra Cristo.

Um cristão, uma família, ou uma igreja que estão equivocados quanta a eclesiologia, por exemplo, não deixou, necessariamente, de anunciar o Evangelho. Duas igrejas distintas na questão de liderança eclesiástica, uma defendendo a pluralidade de presbíteros e a outra não, não são, necessariamente, opostas quanto à proclamação do Evangelho.

A definição dos Landmarkistas exige uma uniformidade ideal mas irreal até em sua própria denominação, aonde há, e o afirmo por amostragem, diferenças entre Calvinistas e Arminianos, discussões sobre o uso de vinho ou suco de uva, pluralidade de líderes, participação feminina na liturgia, traduções da Bíblia, adoração contemporânea, uso de instrumentos no louvor, e relevância dos credos. Se a divergência do modelo bíblico desautoriza a igreja, não se pode achar a uniformidade entre as diversas igrejas Landmarkistas. Contudo, Graves rejeita qualquer diferenciação entre “essenciais e não-essenciais” ao traçar as delimitações entre a denominação Batista e as demais denominações.⁷⁸

Dividir as exigências positivas de Cristo em essenciais e não-essenciais é decidir até aonde Cristo deve ser obedecido, e em quais pontos podemos desobedecê-lo com segurança. Mas recusar obedecer a menor destas exigências positivas ou ensinar outros a fazer assim, te envolve na culpa de ter violado a todas elas.⁷⁹

Entretanto, essa é uma forma imprecisa de se considerar as doutrinas essenciais e não-essenciais. Os pontos essenciais são chamados de ‘essenciais’ porque, sem eles, o todo perderia suas características principais. Quando a Palavra nos instrui: “Acima de tudo que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida,” (Provérbios 4.23) vemos a suma importância em se guardar o coração — mas isso jamais quer dizer que as outras áreas da nossa vida podem ser ignoradas. A prioridade é dada ao mais vital, para que, tendo o principal no seu devido lugar, os demais itens possam ser acrescentados sem medo de se construir uma casa sobre a areia, sem o devido fundamento.

⁷⁸ GRAVES, J.. Keep before the People. Tennessee Baptist. Nashville, 3s1 de janeiro de 1857, p. 3

⁷⁹ PATTERSON, 2012, Apêndice A.

As marcas essenciais de uma igreja, historicamente falando, têm sido a pregação da Palavra de Deus, o uso das ordenanças (ou sacramentos) de acordo com sua instituição e a prática da disciplina eclesiástica.⁸⁰ Sem esses elementos básicos, não se pode ter uma igreja, por mais que se tenha, por exemplo, um edifício próprio, um pastor ou o costume de se reunir toda semana. Mas isto não quer dizer que não devemos atentar para as questões menores; significa somente que as questões principais devem ser consideradas em *primeiro lugar*. Nas palavras do puritano separatista Henry Barrowe:

A igreja, compreendida no seu sentido universal, contém todos os eleitos de Deus que foram, são, e serão. Mas considerada mais particularmente, como é vista nesse mundo presente, ela consiste de um grupo e comunhão de um povo santo e fiel, reunidos no nome de Jesus Cristo, seu único rei, sacerdote, e profeta, adorando a ele corretamente, sendo governados pacificamente e calmamente pelos seus oficiais e leis, mantendo a unidade do Espírito no vínculo da paz e amor não fingido.⁸¹

3.2.3 Terceira ênfase: A Igreja Verdadeira é uma instituição local e visível, somente.

Para Graves, a igreja universal é uma “teoria absurda”.

Esta teoria diz que todas as seitas diferentes, no seu conjunto, constituem o reino de Cristo na terra, e todos os cristãos verdadeiros nessas seitas constituem "a Igreja invisível – espiritual". [...] Infiéis não podem desejar melhor argumento contra o cristianismo. Sinceramente acredito que são feitos mais infiéis por aqueles que pregam, mantêm e ensinam essas teorias absurdas e não bíblicas do que por todos os discursos e escritos feitos pelos próprios infiéis. Convença um homem que é verdade que Cristo originou todas essas diversas seitas e é o autor de suas radicalmente diferentes e mutuamente destrutivas fés, e ele será um infiel ou um tolo.⁸²

Para os Landmarkistas, “a única igreja que nos é revelada é uma igreja visível, e a única igreja com a qual temos alguma coisa a fazer, ou em conexão com a qual temos deveres a serem cumpridos, é um corpo visível.”⁸³ Graves afirma: “Os primeiros escritores não sabiam nada

⁸⁰ SPROUL, 1992, p. 77.

⁸¹ BARROWE, 2003, pg. 13

⁸² GRAVES, Kindle Locations 459-466.

⁸³ Ibid. Kindle Locations 613-619.

sobre uma igreja invisível, universal ou provincial.⁸⁴” Mas Inácio de Antioquia, discípulo do apóstolo João, escreve na sua carta a Esmirna: “Ali aonde está Jesus, está a igreja universal”.⁸⁵ Irineu de Lyon escreve contra as divisões no corpo de Cristo em 180 A.D.:

Ele julgará todos que levantam cismas, sendo destituídos do amor de Deus, e buscam uma vantagem própria e especial ao invés da união da Igreja; e que, por razões insignificantes, ou qualquer espécie de motivo que lhes ocorra, despedaçam e dividem o grande e glorioso corpo de Cristo...⁸⁶

Encontramos esse mesmo ensino entre os anabatistas e protestantes do século XVI.

O anabatista e teólogo Balthasar Hübmaier disse:

Às vezes, a Igreja é entendida como sendo todos os homens que estão congregados e unidos em um Deus, um Senhor, uma fé e um batismo, e confessam a fé com seus lábios, aonde quer que estejam na terra. Esta é a Igreja Cristã universal, o corpo e comunhão dos santos, que se reúne somente no Espírito de Deus, mencionado no nono artigo do Credo Apostólico. Outras vezes, a igreja é entendida como sendo, em particular, uma congregação externa, paróquia ou povo, sob um pastor ou bispo, que se reúne corporalmente para doutrina, batismo e ceia.” [...] “A congregação particular pode errar, como a igreja papista tem errado em muitos aspectos. Mas a igreja universal não pode errar.”⁸⁷

O anabatista Dirk Philips disse:

O termo igreja ou congregação indica que ela é não apenas invisível, mas também visível, pois o termo usado é *ecclesia*, ou seja, um encontro ou reunião ou congregação...⁸⁸

E ainda o anabatista Peter Walpot:

Professar crer em uma santa igreja Cristã e a comunidade dos santos é um dos principais artigos da fé.⁸⁹

⁸⁴ Ibid. Kindle Locations 711-712.

⁸⁵ INÁCIO, 1973, p. 90

⁸⁶ IRENAEUS. Against Heresies. Disponível em: <<http://gnosis.org/library/advh4.htm>> Acesso: 20 de agosto de 2015

⁸⁷ VEDDER, 1903, p. 30,

⁸⁸ ESTEP, Kindle Location 2567.

⁸⁹ HOOVER, Peter. The Secret of the Strength: What would the Anabaptists Tell this Generation? (Versão Kindle). Values-Driven Publishing. Ver também: WALPOT, Peter, Fünf Artikel, p 1547

João Huss:

Mas a igreja católica — isto é, universal, é a totalidade dos predestinados — *omnium predestinatorum universitas* — ou todos os predestinados, presente, passado e futuro.⁹⁰

O conceito da igreja universal não é estranho na denominação batista. Escrita em 1611 por Thomas Helwys, co-fundador dos Batistas Gerais, a *Declaração de Fé dos Ingleses em Amsterdã* afirma:

Mas em respeito a CRISTO, a Igreja é uma, Efésios 4.4, mas consiste nas diversas congregações particulares, quanto há no Mundo, toda congregação, ainda que sejam apenas dois ou três, têm CRISTO dado a eles, como todos os meios da sua salvação. São o Corpo de CRISTO e uma Igreja inteira.⁹¹

A *Segunda Confissão de Fé Batista de Londres* de 1689 também afirma:

A igreja católica ou universal, que (em relação à obra interior do Espírito e verdade da graça) pode ser chamada invisível, consiste de todo o número dos eleitos, que foram, são ou serão reunidos em um só corpo, sob Cristo, a Cabeça da mesma; ela é a Esposa, o Corpo, a plenitude Daquele que enche tudo em todos⁹².

A igreja universal é implicação do alcance do corpo de Cristo. Coletivamente, os cristãos são reunidos em Cristo, aonde “não há condenação alguma para os que estão em Cristo Jesus” (Romanos 8.1), encontrando paz genuína ao ser congregados no seu corpo (Colossenses 3.15). Nas palavras do anabatista Menno Simons: “Todos que estão em Cristo são novas criaturas, carne de Sua carne, osso dos Seus ossos, e membros do Seu corpo.”⁹³

Da mesma forma que o cristão entende sua paternidade divina na linguagem da família de Deus, compreende sua função na linguagem do corpo de Cristo. Qualquer obra em serviço a Cristo é uma forma de servir seu corpo.

Pois assim como em um corpo temos muitos membros, e todos os membros não têm a mesma função, assim também nós, embora muitos, somos um só corpo em Cristo e, individualmente, membros uns dos outros. De modo que temos diferentes dons segundo a graça que nos foi dada: se é profecia, que seja de acordo com o padrão da fé; se é

⁹⁰ HUSS, (1915) Disponível em: <<http://oll.libertyfund.org/titles/1995>> Acesso: 15 de agosto de 2015

⁹¹ EARLY, 2008, p. 9.

⁹² Confissão de Fé Batista de Londres de 1689, Disponível em <<http://www.monergismo.com/textos/credos/1689.htm>> Acesso: 10 de setembro de 2015

⁹³ FOSDICK, Kindle Locations 508-509.

serviço, que seja usado no serviço; se é ensino, que seja exercido no ensino; ou quem encoraja, use o dom para isso; o que contribui, faça-o com generosidade; quem lidera, com zelo; o que usa de misericórdia, com alegria. Romanos 12.4-8

Prova da sua soberania, a cabeça do corpo é Jesus Cristo e todos os cristãos – individualmente e coletivamente – vivem em obediência ou desobediência à sua liderança:

Também sujeitou todas as coisas debaixo dos seus pés, para que seja cabeça sobre todas as coisas, e o deu à igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que preenche tudo em todas as coisas. Efésios 1.22,23

O escopo do corpo de Cristo nos assegura da nossa segurança coletiva e exalta a obra do Espírito em ajuntar milhões de almas em um mesmo Salvador, apesar das nossas diferenças pessoais e culturais:

Pois todos fomos batizados por um só Espírito para ser um só corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres; e a todos nós foi dado beber de um só Espírito. 1Coríntios 12.13

A nossa união cristã não nasce da nossa convivência eclesial e sim, começa *em Cristo*, e é a partir dele que a união cristã é expressada nas igrejas locais:

Portanto, eu, prisioneiro no Senhor, peço-vos que andeis de modo digno para com o chamado que recebestes, com toda humildade e mansidão, com paciência, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando cuidadosamente manter a unidade do Espírito no vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança do vosso chamado; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por todos e está em todos. Efésios 4.1-4

E rogo não somente por estes, mas também por aqueles que virão a crer em mim pela palavra deles, para que todos sejam um; assim como tu, ó Pai, és em mim, e eu em ti, que também eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. João 17.20,21

Martin Lloyd-Jones, na sua exposição de Efésios 4, ilustra esta verdade:

A Igreja é uma nova criação, e, ao trazê-la à existência, Deus fez uma coisa tão inteiramente nova como a criação do universo. Ele não tomou simplesmente um judeu e um gentio e os juntou algo assim como uma espécie de coalizção, e os fez sentar-se

juntos a uma mesa e os levou a um acordo de amizade mútua. Não! A Igreja é uma nova criação. Ela não é uma coleção de partes. O antigo foi destruído, já não há mais judeu e gentio. Essa distinção é eliminada por este corpo. Houve uma destruição antes de haver uma nova criação. Fomos libertos das coisas que nos separavam antes de Deus “criar dos dois um novo homem”.

Isto se pode ver claramente na analogia do corpo. O corpo consiste de dez dedos nas mãos, dez nos pés, duas mãos, dois pés, duas pernas, dois braços, e assim por diante. No entanto, o corpo não é uma coleção dessas partes; e nenhuma delas foi criada independente ou separadamente e depois colocada junta com as outras. Não é assim que o corpo se desenvolve e vem à existência. Como dissemos antes, tudo parte de uma célula que começa a desenvolver-se e a crescer, e pequenos filamentos germinam. Um destes filamentos será o antebraço direito, o braço e a mão; outro formará o mesmo no lado esquerdo. Então o filamento que forma o tronco desce, e as pernas se formam, provenientes do tronco. E tudo vem da célula original primitiva. As partes nunca tiveram existência independente; todas são rebentos, produtos desta célula central primitiva. E por isso que há uma unidade essencial no corpo.

A ilustração mostra aquilo que é próprio de nós, como membros da verdadeira Igreja Cristã. É neste ponto que pode muito bem acontecer que as igrejas visíveis, que são essenciais, nos façam extraviar. O que sucede com elas é que há um rol de membros, e, quando uma pessoa se une a uma igreja, o seu nome é acrescentado à lista dos que já são membros. É preciso que se faça isso, mas tende a dar-nos uma falsa noção da natureza da igreja mística. Não somos acrescentados a Cristo dessa maneira. A verdadeira Igreja é uma nova criação, e todos os que pertencem a ela nasceram do Espírito, nasceram de Cristo, são “participantes da natureza divina”. Uma vez que vejamos a verdade nesses termos, a inevitabilidade da unidade será óbvia.⁹⁴

3.2.4 Quarta ênfase: Somente uma igreja Batista pode fazer atos atribuídos à igrejas (atos eclesiásticos).

Se as demais denominações não participam do mesmo reino e nem servem ao mesmo Rei, segue a implicação Landmarkista que “as igrejas verdadeiras são as únicas autorizadas a

⁹⁴ LLOYD-JONES, 1994, p. 47,48.

expor a revelação de Cristo”⁹⁵. Com isso, J. R. Graves entende que somente uma igreja Batista Landmarkista pode pregar o Evangelho, ministrar a ceia, realizar batismos, praticar a disciplina, plantar outras igrejas ou enviar missionários.

Se seus batismos são inválidos, então suas sociedades não podem ser consideradas como igrejas em qualquer sentido da palavra, já que não pode haver uma igreja sem batismo; portanto, se não são igreja, ministros Protestantes não têm qualquer direito Bíblico para pregar o Evangelho, ou batizar outros para serem de suas sociedades.⁹⁶

Na visão Landmarkista, pregações feitas por homens de outras denominações são feitas de forma ilegal, sem a autorização divina. Homens como Jonathan Edwards, John Wesley, e J.C. Ryle pregaram sem a autorização divina. Para o Landmarkista, a exigência Bíblica é que esses homens tivessem procurado ordenação Batista Landmarkista ou se mantivessem calados. Tanto a pregação de um não-Landmarkista como a plantação de uma igreja não-Landmarkista é um ato contra Cristo e a propagação do seu Evangelho.

Uma outra implicação é a distância mantida entre batistas e não-batistas. O triunvirato Landmarkista insistia em proibir a prática de ‘afiliação de púlpitos’, prática essa que permitia que uma igreja Batista convidasse ao seu púlpito um pregador não-Batista.

Essa premissa foi uma das primeiras a ser destacadas por Graves e pode ser encontrada logo entre as Resoluções do Cotton Grove:

Não é fatalmente reconhecê-los como ministros oficiais quando os convidamos aos nossos púlpitos, ou qualquer outro ato que seria ou poderia ser construído em tal reconhecimento?⁹⁷

Já que qualquer apoio demonstrado a uma igreja não-batista é o mesmo que se rebelar contra o Senhorio de Jesus Cristo, nenhum envolvimento eclesiástico entre igrejas batistas e não-batistas é visto com bons olhos. Mas tarde, em 1880, Graves comemora:

Até o presente momento, janeiro de 1880 - e eu o registro com profunda gratidão, há apenas um periódico Batista do Sul, dos dezesseis semanários, que aprovam a imersão

⁹⁵ GRAVES, Kindle Locations 740-741.B

⁹⁶ GRAVES,. Trilemma. Disponível em: <<http://www.libcfl.com/articles/trilemma.htm>> Acesso: 15 de agosto de 2015

⁹⁷ GRAVES, Old Landmarkism: What is it? Kindle Locations 361-362.

estranha e afiliação do púlpito ("The Religious Herald"), enquanto já dois periódicos nos estados do Norte admitem e defendem princípios landmarkistas e sua prática.⁹⁸

Uma super ênfase na independência e autonomia da igreja está costurada no tecido desse princípio. O Landmarkista Hall afirma com confiança:

[Landmarkismo] é a fidelidade simples e inflexível aos princípios Batistas...Determina que Batistas são capazes de cumprir a comissão do Senhor em todos seus detalhes sem pedir ajuda dos outros. Um Batista Landmarkista faz suas próprias pregações, seus próprios batismos, administra sua própria igreja, usa seu próprio púlpito, e não pede e nem precisa do auxílio de qualquer outro pregador, ou qualquer outra denominação, para ajuda-lo a fazer a obra. Na sua interpretação, há somente uma única igreja verdadeira, organizada pelo Senhor, dotada com vida perpétua, com a promessa da vitória final, mandado por Deus em todas as épocas, com autoridade completa a pregar o Evangelho, administrar as ordenanças, governar como o Senhor determinou, e com uma continuidade inquebrável que chega até os dias do ministério de João [o Batista].⁹⁹

Visto desta forma, a participação de outras denominações nas obras do reino é tanto desnecessária quanto o é incorreta.

Esta quarta premissa Landmarkista claramente é uma extensão da segunda. Escatologicamente falando, se as igrejas Batistas Landmarkistas são de fato as únicas igrejas autênticas, logo, somente suas práticas são autênticas. Mas esta visão da denominação Batista é recente. Em 1877, Jeremiah Jeter enfatiza:

O Landmarkismo tem aproximadamente vinte anos...A denominação tem certamente praticado a troca de púlpitos por centenas de anos, e não conhecemos qualquer resolução condenando sua prática que data há mais de vinte anos, seja de convenção, associação ou igreja; e as resoluções que a condenam não são a opinião da denominação e sim de alguns irmãos batistas, sinceros, em uma área do país compativelmente pequena. Não duvidamos que tenham o direito de ter esses sentimentos, e nem sua sinceridade ao abraça-los, ou a pureza de sua motivação ao defende-los; mas desejamos que seja sabido claramente que eles tomaram uma nova "saída"; e estão contendendo — não por princípios antigos e estabelecidos — e sim contra uma prática denominacional

⁹⁸ Ibid. Kindle Locations 389-402.

⁹⁹ HALL, John Newton. Editorial. American Baptist Flag. Nashville, 7 de outubro de 1897, p. 8.

coerente com sua origem neste país. ... Nossos pais foram Batistas sinceros, igualmente prontos a labutar e sofrer pelos seus princípios, mas não foram Landmarkistas. Opuseram-se ao pedobatismo, com base em argumentos sólidos e bíblicos; mas reconheceram que seus defensores mereciam honra devida por seu aprendizado piedade e serviço, e então cooperaram com eles o quanto foi possível sem sacrificar seus próprios princípios distintivos.¹⁰⁰

A cooperação cristã é clara nas Escrituras. Na sua segunda epístola aos Coríntios, o apóstolo Paulo encoraja as igrejas a participarem das necessidades um dos outros através de ofertas (2Co 8). A igreja de Jerusalém participa da obra entre seus irmãos de Samaria, enviando-lhes Pedro e João (Atos 8.14). Barnabé foi enviado para a Antioquia, para reunir com os primeiros gregos cristãos, a fim de exortar “a todos a perseverarem no Senhor com firmeza de coração” (Atos 11.23). Esta igreja em Antioquia, por sua vez, resolveu “enviar ajuda aos irmãos que habitavam na Judeia” (Atos 11.29), e enviou ofertas pelas mãos de Barnabé e Paulo. Paulo faz menção das igrejas da Macedônia e da Acaia que levantaram “uma oferta fraternal para os pobres dentre os santos de Jerusalém” (Romanos 15.26). Discípulos de Cristo, de forma coletiva, procuram ministrar a outros discípulos.

Chad Brand comenta:

As igrejas primitivas foram congregações independentes sob o Senhorio de Cristo, mas também foram interdependentes. Ajudaram uma a outra no ministério, procurando conselhos quando deparados com situações difíceis, e enviando ofertas quando havia necessidade. [...] sempre prontos a dar e receber assistência e ministério quando fosse aceitável para ambas a igreja que enviava o apoio como também aquela que o recebia.¹⁰¹

Em Galatás 2.11-21, é notável a atitude do apóstolo Paulo perante a divergência do apóstolo Pedro. Paulo repreende Pedro, mas não o abandona. Antes, se preocupa com seu irmão em Cristo e seu testemunho pelo Evangelho. Com firmeza, Paulo encoraja Pedro a considerar as a profundidade da graça de Deus e reconhecer, de forma pessoal, as implicações da obra salvífica na sua vida como judeu.

¹⁰⁰ JETER, Editorial. Religious Herald. Nashville, 13 de setembro de 1877, p. 1.

¹⁰¹ BRAND, (2013). Disponível em <<http://9marks.org/article/journalcooperative-ministry-new-testament/>> Acesso em: 11 de setembro de 2015

Na história batista, vemos esta mesma disposição em reconhecer as virtudes de outras denominações, quando for possível. A Assembleia dos Batistas Particulares, em 1689, estendeu liberdade cristã aos seus membros para “ouvir qualquer homen sincero e piedoso da persuasão dos [Batistas] Independentes ou Presbiteriana”¹⁰² quando não puderem participar de seus próprios cultos. No prefácio da *Segunda Confissão de Fé Batista de Londres* de 1689, é dito em referencia as confissões anteriores de Westminster e Savoy: “Declaramos, perante Deus, os anjos e homens, nossa concordância de coração quanto as doutrinas Protestantes e íntegras que têm sido afirmadas com provas claras das Escrituras”.

3.2.5 Quinta ênfase: Igrejas batistas sempre têm existido em todas as eras por uma sucessão histórica e contínua.

Na visão Landmarkista, o reino vitorioso de Cristo inclui somente igreja Batistas, logo, igrejas Batistas sempre existiram em todos os tempos.¹⁰³ Os batistas Landmarkistas de hoje são frutos de uma continuação ininterrupta de igrejas em todos os séculos que defendiam as mesmas premissas dos Landmarkistas de 1850. Embora Graves admita que não é humanamente possível traçar toda a história batista através dos séculos, ele parece confiante: “A nossa história não está assim, perdida. Esse trabalho está em andamento, e ligará os batistas de hoje com os batistas de Jerusalém.”¹⁰⁴

A sucessão que Graves procura é aquela que é uniforme com as premissas Landmarkistas:

Por que devemos nos opor ao nome de "Antigos Landmarkistas", quando aqueles antigos Anabatistas, que somente nós representamos nesta era, estavam contentes por serem chamados de Cátaros e Puritanos, termos que significam a mesma coisa que Antigos Landmarkistas?¹⁰⁵

De um lado, Graves é detalhado ao determinar o que é uma igreja verdadeira, enquanto do outro lado suas definições são extremamente abrangentes ao descrever a suposta sucessão Batista. Por exemplo, Graves cita “*com alegria*¹⁰⁶” um paragrafo do volume “The History of the Reformed Church of the Netherlands” dos presbiterianos Dr. Dermout e Dr. Ypeig, no

¹⁰² IVIMEY, 1811, p. 494.

¹⁰³ AHLSTROM, 1972, p. 723.

¹⁰⁴ GRAVES, Kindle Locations 1738-1744.

¹⁰⁵ Ibid. Kindle Locations 374-375.

¹⁰⁶ Ibid. Kindle Locations 1758.

qual é dito que os Batistas foram previamente chamados de Menonitas. Entretanto, se comparamos a eclesiologia de Menno Simons com a eclesiologia do Graves, fica claro que Simons não poderia ser um Batista Landmarkista. Além de batizar por aspersão, Simons defendia o conceito da Igreja universal:

Apesar da igreja ser chamada de nomes diferentes, ... todas elas, antes, durante e depois da Lei, que, em sinceridade temem ao Senhor, andavam e continuam andando de acordo com a Palavra e vontade de Deus, confiando em Cristo, são uma só comunidade, igreja e corpo, e para sempre serão; pois todas foram salvas por Cristo, aceitas por Deus, e receberam a dádiva do Espírito da sua graça.¹⁰⁷

Os dogmas Landmarkistas, tomados como um todo, não podem ser facilmente encontrados na história batista, e muito menos na história anabatista. E o que dizer da história da igreja antes do período dos anabatistas e da reforma? O historiador William Estep, mesmo sendo simpático à causa Anabatista, diz: “...não houve entre os Anabatistas um só teólogo que criou uma teologia sistemática aceita unanimemente pelos Anabatistas em geral.”¹⁰⁸

Em 1855, Graves publicou *História Concisa*, de G. H. Orchard, um título que buscava traçar a história batista por meio da genealogia anabatista, e que mais tarde serviria como base para *O Rasto de Sangue* de James Milton Carroll, publicado mais tarde em 1931. No prefácio do livro de Orchard, Graves salienta: “Se um dia o mundo for abençoado com uma história fiel das Igrejas Cristãs, será pelas mãos dos Batistas.”¹⁰⁹ Orchard, então, procura traçar a história Batista na história, evitando qualquer ligação com a Reforma Protestante, preferindo os não-conformistas isolados. Entretanto, o historiador batista James Patterson observa:

Nem [Graves] e nem Orchard disseram muito a respeito das crenças doutrinárias dos grupos não-conformistas que constituíam suas versões da história Batista. Como resultado, Orchard e Graves, sem critérios, trocaram o termo “Batista” por uma coletânea de grupos dissidentes diferentes, incluindo os Montanistas, Novatistas, Paulicianos, Bogomils, Albigenses, Valdenses, Lolardos, Hussistas, e Anabatistas. Aparentemente, não foi imperativo que estes movimentos tenham defendido distintivos

¹⁰⁷ SIMONS, Disponível em: <<http://www.mennosimons.net/ft068-concerningthechurch.html>> Acesso: 20/08/2015

¹⁰⁸ ESTEP, Kindle Location 1902).

¹⁰⁹ ORCHARD, G. H.. Disponível em <http://www.odentonbaptist.com/wp-content/uploads/2014/09/A_Concise_History_of_Baptists.pdf> Acesso: 21/08/2015

de doutrinas batistas; de fato, alguns confessaram pontos teológicos que muitos Batistas modernos teriam como heréticos.¹¹⁰

Pelos traços históricos feitos, fica claro que Orchard, Graves e depois Carrol usaram derramamento de sangue — e não doutrina — para identificar os Batistas Landmarkistas durante a história. Qualquer povo perseguido que rebatizava seus adeptos seria tido como um Batista Landmarkista. Como reconheceu J. M. Carroll, “Não devemos pensar que todos os que sofreram perseguições estavam integralmente fiéis ao Novo Testamento.”¹¹¹ Muitos dos grupos anabatistas praticavam o que hoje é tido, pelos próprios Batistas, como heresia clara. Os Montanistas negavam a vinda do Espírito Santo.¹¹² Os Paulicianos, flertando com gnosticismo, criam que um segundo deus, o deus do mal, reinava sobre o mundo material.¹¹³ Os Petrobrussianos rejeitavam a inspiração da maioria do Novo Testamento. Os Cátaros criam que Jesus era um espírito enviado dos céus, negando que tenha tido um corpo humano ou tenha morrido na cruz, além de sustentar que o cristão devia evitar possessões materiais, casamento, relacionamentos sexuais, e o comer de carne para fugir do poder da carne.¹¹⁴ Embora vários representantes destes grupos tenham sido perseguidos e morreram mortes cruéis, fica inviável supor que eram ortodoxos, simplesmente por terem sofrido.

Essa forma de se estudar a história — procurando marcas isoladas para se categorizar um todo — prejudica os próprios Landmarkistas. Se, de fato, uma igreja verdadeira é legítima somente se plantada por uma outra igreja Landmarkista, é improdutivo citar igrejas não-Landmarkistas como sendo os guardiões da sua fé. Se a Igreja de Cristo sempre confessou as premissas Landmarkistas em todas as épocas, como sugere Graves, aonde estão as marcas desta Igreja Landmarkistas?

Podemos considerar, por exemplo, o próprio meio de batismo entre os anabatistas: O anabatista Riedemann, no seu escrito *Rechenschaft*, instrui seus seguidores a como batizar: "O Batizador instrui [o candidato] a humilhar-se, ajoelhando-se perante Deus e sua Igreja, e assim toma água pura e derrama sobre ele".¹¹⁵ O historiador William Estep ressalta: “O significado simbólico da imersão como forma de batismo aparentemente foi despercebido por

¹¹⁰ PATTERSON, 2012, p.112

¹¹¹ CARROL, Disponível em <<http://www.pibjo.org.br/pibjo/wp-estudos/O%20Rasto%20de%20Sangue.pdf>> Acesso: 01/09/2015

¹¹² KUIPER, p. 17.

¹¹³ KURIAN, 2005, p. 537.

¹¹⁴ SHELLEY, 1995, p. 210.

¹¹⁵ Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online, Disponível em: <http://gameo.org/index.php?title=Baptism#Mode_and_Ritual> Acesso: 23/08/2015

muitos Anabatistas do século XVI. O derramar de água sobre a cabeça do crente, ajoelhado, foi o método mais comum a batizar”.¹¹⁶

Quando procuramos por uma sucessão compatível com as premissas Landmarkistas, temos de confessar ela não está registrada nos últimos dois mil anos de história. Graves sugere então:

Acreditamos que os documentos que estabelecem a existência [da igreja] em cada ano da sua existência desde os dias da perseguição Católica estão trancados nos arquivos da inquisição e no Vaticano, e talvez não seja distante o dia em que serão abertos para todos.¹¹⁷

A tese de Graves necessita de uma sucessão histórica para comprovar que seus ‘marcadores de barreiras denominacionais’ foram defendidos na antiguidade. O puritano John Owen, ao considerar as implicações da perpetuidade da igreja, destaca que são as próprias palavras de Cristo que sustentam a continuação da igreja, e logo, são suas palavras – e somente suas palavras - que autorizam o ajuntamento de cristãos em uma igreja visível.¹¹⁸ Não é necessário que uma ‘igreja mãe’ ou sucessão orgânica confira um “certificado de autenticidade” sobre as igrejas locais se Deus pela sua Palavra já autorizou o ajuntamento, a evangelização, a pregação e o batismo.

Mas a ideia da sucessão batista surge de um entendimento impropriado de Mateus 16.18 em conjunto com os extremos das demais premissas Landmarkistas. A igreja contra qual o inferno não prevalece, ou, em outras palavras, a igreja que prevalece é inabalável por razão de ser construída sobre “o próprio Cristo Jesus, a principal pedra de esquina” (Efésios 2.20). A sua vitória eterna é graças ao seu alicerce eterno, o qual é Jesus Cristo (1Coríntios 3.11). Homens podem desistir, igrejas podem se corromper, líderes podem se desviar e o povo de Deus pode se enfraquecer. Mas a história comprova que Cristianismo — a crença de que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras — nunca deixou de existir. E as igrejas locais e visíveis, sendo comunidades de homens transformados pelas boas novas do Evangelho, nunca deixaram de existir. Afirmar que o movimento Landmarkista passou pelas mãos dos anabatistas é afirmar aquilo que não pode ser comprovado. Ainda pior, é determinar que essa

¹¹⁶ ESTEP, Kindle Locations 3978-3979.

¹¹⁷ GRAVES, James R.. Able Latitudinarians. The Baptist. Nashville, 7 de junho de 1873, p. 4.

¹¹⁸ DANIELS, 2004, p. 450-480.

sucessão Landmarkista *tenha que ser* verdadeiro ou Cristo é mentiroso, pois torna a veracidade de Cristo dependente daquilo que não é historicamente verídico.

Quando dizemos que “o mal prevalece em todas as épocas”, não queremos dizer que todas as maldades são de alguma forma conectadas em uma linha inquebrável, fruto de um tirano passando seus conceitos maléficis para o próximo e por assim adiante. Antes, entendemos que a maldade é expressada em todas as épocas. Quando falamos da perpetuação da igreja cristã, entendemos que a Igreja Cristã que prevalece em todos os séculos tem uma só Cabeça, e é produto da obra do Espírito Santo em congregar na terra aqueles que já estão congregados em Cristo e um dia se congregarão nos novos céus (Hebreus 12.23). Ela avança, ela continua, ela perpetua porque ela expressa o Corpo de Cristo que é infinito. Em todo tempo, houve homens fiéis, reunidos voluntariamente para ouvir e obedecer às Sagradas Escrituras. Contemporâneo de Graves, Charles Spurgeon diz:

A “Igreja de Cristo”, de acordo com as Escrituras, é uma assembleia de homens fiéis. Ecclesia significava originalmente assembleia. Não multidão, e sim uma assembleia de pessoas que foram convocados em grupo por terem uma necessidade especial de se reunir para discutir assuntos específicos. Foram uma assembleia chamada para fora. A “Igreja de Deus”, no seu sentido pleno, é a companhia de pessoas chamadas pelo Espírito Santo para fora do resto da humanidade, reunidos pelo propósito santo de defender e propagar a Verdade de Deus.¹¹⁹

A segunda Confissão de Fé Batista de Londres diz:

Mesmo as igrejas mais puras sobre a terra estão sujeitas a erros doutrinários e a comprometimentos. Algumas se degeneraram tanto, que deixaram de ser Igrejas de Cristo, e passaram a ser sinagogas de Satanás. A despeito disso, porém, Cristo sempre teve e sempre terá um reino neste mundo, até o fim dos tempos. Esse reino é formado dos que nEle creem e confessam o Seu nome.¹²⁰

¹¹⁹ SPURGEON, 1861, Disponível em <<http://www.spurgeongems.org/vols7-9/chs393.pdf>> Acesso: 03/09/2015, “The “Church of Christ” according to the Scripture, is an assembly of faithful men. Ecclesia originally signified assembly. Not a mob, but an assembly of persons who were called together on account of their special right to meet for the discussion of certain subjects. They were a called-out assembly. The “Church of God” itself, in its full sense, is a company of persons called out by the Holy Spirit from among the rest of mankind, banded together for the holy purpose of the defense, and the propagation of the Truth of God.”

¹²⁰ Confissão de Fé Batista de Londres de 1689, Disponível em <<http://www.monergismo.com/textos/credos/1689.htm>> Acesso em: 01/09/2015

4 CONCLUSÕES

Primeiramente, é importante notar que o Landmarkismo nasceu de uma preocupação sincera com a igreja local. O movimento não erra por desejar que as igrejas locais sejam moralmente puras, teologicamente coerentes e estritamente bíblicas. Seu erro se encontra no desequilíbrio teológico causado por sua eclesiologia desproporcional. Suas definições teológicas e visões históricas giram em torno dos seus principais argumentos escatológicos; como implicação, a união cristã, a missão de pregar o Evangelho, e o significado das ordenanças é interpretada, em primeiro lugar, através da lente da eclesiologia Landmarkista, ao invés de serem interpretadas pela pessoa e obra de Cristo. Com isso entendemos a importância de equilíbrio teológico: nenhum item da nossa teologia sistemática pode sobrepor a pessoa e obra de Jesus Cristo. Como escreveu John Bunyan, “É possível cometer idolatria mesmo com os desígnios de Deus.”¹²¹ Para sermos saudáveis na nossa evangelização, é vital que sejamos equilibrados na nossa eclesiologia. Como comenta Thomas White: “Enfatizar a igreja local ao ponto de negar a igreja universal, repetirá os erros Landmarkistas. Mas uma ênfase excessiva na Igreja universal ao ponto de minimizar a igreja local produzirá tendências ecumênicas não saudáveis.”¹²²

Em segundo lugar, uma lição fundamental que deve ser destacada é quanto ao escopo da obra feita por Jesus Cristo na cruz do Calvário. Antes mortos em nossas ofensas, a graça transformou-nos na “nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus” (1Pedro 2.9). Antes de estabelecer igrejas individuais, Cristo redimiu seu corpo, estabelecendo seu reino entre os homens. O escopo do plano divino vai além das quatro paredes da nossa igreja local. Isso deverá servir de consolo e encorajamento para aqueles que se empenham em favor de suas igrejas locais.

Por fim, é coerente que os homens de Deus conheçam sua própria história. Da mesma forma que deparamos com a obediência e desobediência de Israel nas páginas do Antigo Testamento, vemos na história dos últimos dois mil anos nossos fracassos e vitórias. Reconhecemos que Deus tem sido fiel apesar da infidelidade dos nossos pais. O orgulho do Landmarkista é proferir uma linhagem reta, perfeita, inquebrável. É natural que o homem busque na história homens e mulheres que foram obedientes em tudo, até a morte. Mas a

¹²¹ BUNYAN, Disponível em <http://www.chapellibrary.org/files/4913/7642/2827/bun-confession.pdf> Acesso: 10/08/2015

¹²² WHITE, 2010, p. 226.

história do Cristianismo tende a humilhar aquele que a estuda. A arrogância, cobiça, discórdia, inveja e brigas mencionadas por Tiago foram recorrentes durante o decorrer da história (Tiago 4.1-7). Em Cristo somente encontramos o Pastor, o Messias, o Rei, o Líder, o Mediador que expressa a pura santidade divina.

REFERÊNCIAS

AHLSTROM, S. E. **A Religious History of the American People**. Connecticut: Yale University Press, 1972

AUGUSTINE, St. **A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers**. Buffalo: The Christian Literature Company, 1866

BARBER, Christopher. **Who moved my Old Landmark? Changing Definitions of Landmarkism in the Early Twentieth Century**. Disponível em <[http://www.campbellsville.edu/Websites/cu/images/Library/Campbellsville_Review/Vol._7_/Barber_-_Who_Moved_My_Landmarks_\(original\)_docx.pdf](http://www.campbellsville.edu/Websites/cu/images/Library/Campbellsville_Review/Vol._7_/Barber_-_Who_Moved_My_Landmarks_(original)_docx.pdf)> Acesso: 26 de agosto de 2015

BARNES, W. W. **The Southern Baptist Convention 1845 – 1893**. Nashville: Broadman, 1954

BARROWE, Henry. **The Writings of Henry Barrow**. London: George Allen & Unwin Ltd, 2003

BRAND, Chad. **Cooperative Ministry in the New Testament**. Disponível em <<http://9marks.org/article/journalcooperative-ministry-new-testament/>> Acesso: 11 de setembro de 2015

BROWNLOW, William G. **The great iron wheel examined; or, its false spokes extracted, and an exhibition of Elder Graves, its builder**. Nashville: publicado pelo autor, 1856

BRYAN, Philip. **Early Landmarkism**. Disponível em <<http://www.prbryan.com/diss/dis-ch21.htm>> Acesso: 26 de agosto de 2015

BUNYAN, John. **Communion and Fellowship of Christians at the Table of the Lord**. Disponível em <<http://www.chapellibrary.org/files/4913/7642/2827/bun-confession.pdf>> Acesso: 02/09/2015

CARROL, J. M. **O Rastro de Sangue**. Disponível em <<http://www.pibjo.org.br/pibjo/wp-estudos/O%20Rasto%20de%20Sangue.pdf>> Acesso: 22/08/2015

COMBOS, James. **Mr. Baptist of the 19th Century**. Disponível em <<http://baptisthistoryhomepage.com/graves.j.r.mr.bapt.combs.html>> Acesso em: 15/08/2015

Confissão de Fé Batista de Londres de 1689. Disponível em <<http://www.monergismo.com/textos/credos/1689.htm>> Acesso: 10 de setembro de 2015

DANIELS, Richard. **The Christology of John Owen**. Michigan: Reformed Heritage Books, 2004

EARLY, Joe. **Readings in Baptist History: Four Centuries of Selected Documents**. (Versão Kindle). Nashville: B&H Publishing, 2008

ESTEP, William R. **The Anabaptist Story**. (Versão Kindle). Michigan: William Eerdmans Publishing Company, 1996

FOSDICK, H. E. **The Anabaptists - Anabaptist Writings**. (Versão Kindle). Solid Christians Books

FOSTER, Douglas A. **The Encyclopedia of the Stone-Campbell Movement**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2004

GRAVES, James R. **The Little Iron Wheel**. Nashville: South-Western Publishing House, 1857

GRAVES, James R. Trilemma. Disponível em: <<http://www.libcfl.com/articles/trilemma.htm>> Acesso em: 15 de agosto de 2015

GRAVES, James R. Able Latitudinarians. **The Baptist**. Nashville, 7 de junho de 1873

GRAVES, J. R. The Administrator of Baptist. **Western Baptist Review**. Nashville, 3 de agosto de 1848

GRAVES, J. R. Ecclesiastical Questions. **Tennessee Baptist**. Nashville: 14 de agosto de 1847

GRAVES, J. R. **Old Landmarkism: What is it?**. (Versão Kindle). Memphis: Graves, Mahaffey & Co, 1880

GRAVES, James R. **Old Landmarkism: What is it?**, (Versão Kindle). First Vision Publishers, 2014

GRAVES, J. External History. **Tennessee Baptist**. Nashville, 12 de março de 1859

GRAVES, J. Keep before the People. **Tennessee Baptist**. Nashville, 31 de janeiro de 1857

GRAVES, J. R. The Lord's Supper, No. III. **Tennessee Baptist**. Nashville: 25 de maio de 1848

- GRAVES, J. R. **Tennessee Baptist**. Nashville: Ferguson, McFerrin & Co., 1852
- HOOVER, Peter. **The Secret of the Strength: What would the Anabaptists Tell this Generation?** (Versão Kindle). Values-Driven Publishing.
- HALL, John Newton. Editorial. **American Baptist Flag**. Nashville, 7 de outubro de 1897
- HOWELL, Robert Boyte Crawford. Installation. **Baptist**. Nashville: 8 de novembro de 1845
- HOWELL, Robert Boyte Crawford. **A Memorial of the First Baptist Church, Nashville, Tennessee, from 1820 to 1863, by a Member of the Church** (Typescript copy). Nashville: Dargan-Carver Library, 1863
- HOWELL, R. C. **Carta pessoal do Howell ao J. A. Broadus**. (October 11, 1857), John Albert Broadus Collection, box 1, folder 29, James P. Boyce Centennial Library Archives, Southern Baptist Theological Seminary, Louisville, Kentucky
- HOWELL, R. B. C. Grave's Speech before the Tenn. Convention. **Howell Collection**. Nashville, s1859
- HUSS, Jan. **The Church**. Disponível em: <<http://oll.libertyfund.org/titles/1995>> Acesso: 15 de agosto de 2015
- INÁCIO. **The Nicene and Post-Nicene Fathers**. Grand Rapids: Wm. Eerdmans Publishing Company, 1973
- IRENÆUS. **Against Heresies**. Disponível em: <<http://gnosis.org/library/advh4.htm>> Acesso: 20 de agosto de 2015
- IVIMEY, Joseph. **A History of the English Baptists**. Londres: 1811
- JETER, Jeremiah Bell. Editorial. **Religious Herald**. Nashville, 13 de setembro de 1877.
- KUIPER, B. K. **The Church in History**. Ontario: CSI Publications.
- KURIAN, George Thomas. **Nelson's Dictionary of Christianity**. Nashville: Thomas Nelson, 2005.
- LLOYD-JONES, D. M. **A Unidade Cristã: Exposição sobre Efésios 4.1-16**. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1994
- MCBETH, H. Leon. **The Baptist Heritage**. Nashville: B & H Academic, 1987

- MOORE, Robert D. **The Kingdom of God and the Church: A Baptist reassessment.** Disponível em: <http://www.sbts.edu/wp-content/uploads/sites/5/2010/02/sbjt_121_moore_sagers.pdf> Acesso: 15 de agosto de 2015
- ORCHARD, G. H. **Concise History.** Disponível em <http://www.odentonbaptist.com/wp-content/uploads/2014/09/A_Concise_History_of_Baptists.pdf> Acesso: 21/08/2015
- P., **Tennessee Correspondence**, Nashville: Baptist Banner, 1850
- PATTERSON, James A. **James Robinson Graves: Staking the Boundaries of Baptist Identity** (Kindle Version). Nashville: B&H, 2012
- PATTERSON, T. A. **The Theology of J. R. Graves.** 1944. Tese (Doutorado em Teologia) – Southern Baptist Theological Seminary, Ft. Worthy, Texas. 1944
- PENDLETON, J. M. The Council. **Tennessee Baptist.** Nashville, 12 de março de 1859
- PENDELTON, James Madison. **An Old Landmark Re-set.** Disponível em: <<http://www.reformedreader.org/history/anoldlandmarkreset.htm>> Acesso: 10 de agosto de 2015
- PHILIPS, Dirk, editado por Cornelius Dyck. **The Writings of Dirk Philips.** Scottdale, Penn: Herald, 1992
- ROSS, Bob L. Landmarkism: Unscriptural and Historically Untenable. **Central Bible Quarterly**, 20 de março de 1968
- SHELLEY, Bruce L.. **Church History in Plain Language.** Dallas: Word Publishing, 1995
- SIMONS, MENNO, editado por J. C. Wenger. **The Complete Works of Menno Simons.** Scottdale, Penn: Herald, 1956
- SIMONS, Menno. **Concerning the church, and an instructive comparison how we may distinguish between the church of Christ and the church of anti-Christ.** Disponível em: <<http://www.mennosimons.net/ft068-concerningthechurch.html>> Acesso em: 20/08/2015
- SMITH, H. S. **A critical analysis of the theology of J. R. Graves.** 1966. Tese (Doutorado em Teologia) – Southern Baptist Theological Seminary, Ft. Worthy, Texas. 1966
- SPEER, William S. **Sketches of Prominent Tennesseans.** Nashville: Genealogical Publishing Co., 1888
- SPROUL, R. C. **Essential Truths of Christian Faith.** Illinois: Tyndale Publications, 1992

SPURGEON, Charles. **The Church — Conservative and Aggressive**. Disponível em <<http://www.spurgeongems.org/vols7-9/chs393.pdf>> Acesso: 03/09/2015

TULL, James E. **High-church Baptists in the South: The Origin, Nature, and Influence of Landmarkism**. Georgia: Mercer University Press, 2000

TULL, James E.. **Shapers of Baptist Thought**. Georgia: Mercer University Press, 1984

VEDDER, Henry Clay. **Balthasar Hubmaier, the Leader of the Anabaptists**. New York: G. P. Putnam's Sons, 1903

WAMBLE, Hugh. Landmarkism: Doctrinaire Ecclesiology among Baptists. **Church History**, dezembro 1964

WALLER, John.. The Administrator of Baptism. **Western Baptist Review**. Nashville: 3 de agosto de 1848.

WHITE, Thomas. **Upon This Rock: The Baptist Understanding of the Church**. Nashville: B&H Publishing Group, 2010

APÊNDICE A – TESTEMUNHO PESSOAL DE BOB ROSS

Em 1968, Bob L. Ross publicou um artigo sucinto sobre as falhas da visão Landmarkista. Na conclusão, ele inclui essa pequena nota pessoal. Sua reflexão graciosa e humilde serve como exemplo para nós.

“Aqueles que me conhecem sabem que fui um Batista Landmarkista consistente na fé e prática. Escrevi artigos, folhetos e livretos apoiando aqueles princípios descritos pelo termo Landmark. Também vivi esses princípios, rebatizando todos que foram imersos por alguém que não fosse um administrador Batista Landmarkista, reorganizando igrejas que não foram começadas por outra igreja Bíblica (Landmarkista), e recusando reconhecer a validade de qualquer batismo ou organização eclesiástica que não originou-se na autoridade de uma igreja Batista sólida.

Hoje entendo o quanto contribuí para um sectarismo mau como resultado dessa crença, mesmo acreditando estar fazendo o que é reto aos olhos de Deus. Falei contra homens abençoados pelo Espírito Santo, simplesmente porque não eram Batistas Landmarkistas. Considerei igrejas abençoadas pelo Espírito Santo como não escriturísticas simplesmente porque não pertenciam à genealogia Landmarkista. Reconheço que fiz muito mal; espero somente que o Senhor se agrade em permitir que eu desfaça um pouco do que fiz. E espero que você, querido leitor, leia esse artigo com uma mente disposta para o que tenho a dizer. Te asseguro que fui um Landmarkista exemplar no que eu cria. Duvido que possa ser mais Landmarkista do que fui. Mas o Landmarkismo foi removido de mim quando meu entendimento e coração foram abertos para os fatos simples da Bíblia e história. Espero que você também considere essas coisas com um entendimento disposto a aprender. Seja honesto consigo mesmo e com a verdade. É sempre melhor preferir a verdade sobre nossas próprias noções, independente do custo a ser pago. Quando uma pessoa muda ou abre mão de suas opiniões por causa do seu respeito pela verdade, ele faz o que todos os homens bons e sinceros devem fazer. A respeito dessas mudanças, C. H. Spurgeon comentou: “Confessar que você estava equivocado ontem, é tão somente reconhecer que você está um pouco mais sábio hoje; e

ao invés de ser uma reflexão ruim da sua pessoa, é uma honra ao seu juízo, e demonstra que está crescendo no conhecimento da verdade.”¹²³

¹²³ ROSS, Bob L.. Landmarkism: Unscriptural and Historically Untenable. Central Bible Quarterly, 20 de março de 1968